

O PÁSSARO DO PAÍS DE GABOUR

TRADIÇÃO ORAL MARROQUINA

Adaptação anotada Literunco



O Pássaro do País de Gabour

Tradição oral marroquina

Conto popular marroquino

Nota Literunico

Esta edição Literunico apresenta O Pássaro do País de Gabour como adaptação anotada em português brasileiro de um conto popular marroquino atribuído à recolha de Françoise Légey / Doctoresse Légey, *Contes et légendes populaires du Maroc* (Paris, Ernest Leroux, 1926). Não se trata de tradução literal cotejada linha a linha com o francês da edição antiga: a versão privilegia continuidade narrativa, cadência oral e legibilidade literária, com soluções editoriais para o objeto maravilhoso, a revelação e o desfecho enquanto o exemplar-fonte integral permanece fora do cotejo final.

O Pássaro do País de Gabour

Contam os antigos — e Deus sabe melhor o que passou — que havia um rei dono de jardins largos, de tropas numerosas e de cavalos que faziam tremer a poeira das estradas. Perto de um desses jardins, onde as árvores davam sombra e a água corria escondida entre as folhas, quatro mulheres pararam para conversar.

Não falavam baixo. Quem tem desejo no peito costuma esquecer que as paredes escutam, que as árvores repetem e que até o vento leva palavras ao ouvido dos reis.

Disse a primeira:

— Se o rei me tomasse por esposa, eu alimentaria toda a sua tropa com um só prato de cuscuz.

A segunda riu, como quem não queria ficar atrás, e respondeu:

— E eu, se o rei me escolhesse, daria de beber a todos os seus homens e a todos os seus cavalos com um único balde de água.

A terceira ergueu a cabeça, tocou os próprios cabelos e disse:

— Pois eu faria melhor. Com o pelo de um só cavalo, teceria mantos bastante para cobrir a tropa inteira.

A quarta, que até então escutava calada, falou por último. E sua voz não saiu vaidosa, mas firme, como palavra que já vinha escrita antes de ser dita:

— Se o rei me recebesse em sua casa, eu lhe daria dois filhos: um menino com uma mecha de prata, e uma menina com tranças de ouro.

Ora, palavra lançada diante do jardim real não cai em terra comum. Um servidor ouviu, outro contou, e a notícia subiu os degraus do palácio até chegar ao trono. O rei, curioso com promessas tão grandes, mandou que trouxessem as quatro mulheres à sua presença.

E assim começou a prova.

Quando as quatro mulheres chegaram ao palácio, o rei as recebeu diante dos seus homens. Não estava zangado, mas trazia no rosto aquela atenção dos

soberanos quando desejam saber se uma palavra é verdade ou fumaça.

— Fostes vós — perguntou ele — que falastes junto ao meu jardim?

As mulheres baixaram os olhos. A primeira apertou as mãos; a segunda mordeu os lábios; a terceira ajeitou o véu; a quarta ficou quieta, sem tremer mais que as outras.

O rei mandou que trouxessem um prato de cuscuz.

— Tu disseste que, se fosses minha esposa, alimentarias toda a minha tropa com um só prato. Pois começa.

A primeira mulher tomou o prato. Chamaram-se soldados, cavaleiros, servos, guardas dos portões, homens do pátio e homens das cavaliças. Ela serviu o primeiro, serviu o segundo, serviu o terceiro; e, quando mal havia começado, o prato já mostrava o fundo. A promessa murchou diante de todos como folha ao sol.

O rei nada disse. Apenas voltou o rosto para a segunda.

Mandou que pusessem diante dela um balde de água.

— Tu prometeste dar de beber a todos os meus homens e a todos os meus cavalos com um só balde. Pois dá.

A segunda ergueu o balde com esforço. Deu de beber a alguns homens, depois a um cavalo sedento. Antes que a fila se movesse, a água se acabou. Os cavalos relincharam, os homens sorriram por dentro, e o silêncio do rei pesou mais que repreensão.

Então chamaram a terceira.

Trouxeram-lhe um pelo arrancado da crina de um cavalo, fino como fio de noite.

— Tu disseste que, com o pelo de um só cavalo, tecerias mantos para toda a tropa. Faz o que prometeste.

A terceira pegou o fio entre os dedos. Virou-o de um lado, virou-o de outro, procurou nele lã, seda, trama, milagre. Mas pelo de cavalo era pelo de cavalo, e de um fio só não se cobre um exército. Ela baixou a cabeça, sem resposta.

Restava a quarta.

O rei olhou para ela por mais tempo, porque sua promessa não se provava em uma hora, nem em um pátio, nem diante de uma tropa reunida. Prometer filhos é chamar o futuro para servir de testemunha.

O rei, então, mandou que as três primeiras mulheres se retirassem. Não as castigou, porque promessa vaidosa já traz em si mesma a sua vergonha. Bastava terem falado diante de todos e nada terem cumprido.

À quarta, porém, ele disse:

— Tua palavra não se pesa hoje. Tua palavra se pesa no tempo. Se dissesse a verdade, o tempo te honrará; se mentiste, o tempo te mostrará.

E tomou-a por esposa.

Fizeram-se festas no palácio, acenderam-se lâmpadas nos pátios, bateram tambores, e as mulheres cantaram até que a noite se tornasse clara de vozes. A nova esposa entrou na casa do rei sem soberba. Não trazia na boca grandes discursos; trazia no silêncio a promessa que havia feito.

Passaram-se luas.

E, quando chegou a hora escrita para ela, nasceram duas crianças. Primeiro veio um menino, bonito como manhã depois de chuva, e trazia sobre a cabeça uma mecha de prata, clara como luar repousado no cabelo. Depois veio uma menina, delicada como flor recém-aberta, e suas tranças reluziam em ouro, como se o sol tivesse escolhido morar ali.

Então souberam no palácio que a quarta mulher não falara para se engrandecer. Falara porque o destino já lhe pousava nos ombros.

O rei alegrou-se com alegria de pai e com assombro de rei. Mandou proteger a mãe, mandou guardar as crianças, e por um instante pareceu que a promessa cumprida traria paz à casa real.

Mas nem toda alegria passa sem despertar olhos escuros.

A notícia dos filhos maravilhosos correu depressa pelo palácio. Onde havia alegria verdadeira, também se acendeu inveja escondida. As três mulheres que haviam falhado diante do rei ouviram falar da mecha de prata e das tranças de

ouro; e aquilo lhes queimou por dentro mais que vergonha pública.

— Ela falou e cumpriu — disseram entre si. — Nós falamos e caímos. Se essas crianças crescerem, nossa humilhação crescerá com elas.

A inveja, quando não encontra porta, aprende a entrar pelas frestas. Chamaram uma mulher de mãos hábeis e coração vendido, dessas que sabem andar pelo palácio sem fazer soar as pulseiras. Prometeram-lhe ouro, silêncio e proteção.

Na noite em que a mãe dormia cansada, ainda com o cheiro dos filhos junto ao peito, a mulher entrou devagar no quarto. Tirou o menino com a mecha de prata, tirou a menina com as tranças de ouro, e no lugar deles deixou dois pequenos sinais de mentira, para que dissessem ao rei o que a inveja queria que fosse verdade.

As crianças foram envoltas em panos escuros. A mulher atravessou corredores, passou por portas que ninguém guardava direito, e levou os recém-nascidos para longe da luz das lâmpadas. Lá fora, a noite parecia grande o bastante para esconder qualquer culpa.

Quando a mãe acordou, estendeu os braços para os filhos e encontrou a falsidade deixada em seu lugar. Antes que pudesse compreender, já havia vozes chamando, pés correndo, gritos atravessando o palácio.

— A promessa era mentira! — disseram os invejosos. — A esposa do rei enganou o rei!

E, assim, no mesmo lugar onde nascera o milagre, nasceu também a calúnia.

A mulher que levava as crianças não ousou olhar muito para elas. Há culpas que crescem quando recebem o rosto de uma criança. Seguiu pela noite com o menino e a menina apertados contra o corpo, procurando um lugar onde o palácio não pudesse ouvi-los chorar.

Fora dos muros, havia um fio de água que corria entre pedras e raízes, levando folhas, poeira e segredo. Ali, ela pôs os dois recém-nascidos dentro de um cesto, cobriu-os com pano simples e empurrou o cesto para a corrente mansa.

— Que o mundo faça o que quiser — murmurou, mais para se livrar do medo do que por piedade.

O cesto desceu devagar. Não afundou. A água o tomou como se conhecesse o valor da carga. Passou por juncos, roçou margens escuras, rodou uma vez sob a sombra de uma árvore e seguiu até onde a madrugada começava a clarear.

Perto dali vivia um homem simples, guardador de horta e de figueiras, que se levantava antes do sol para abrir a água dos canteiros. Ao ouvir um choro fino, pensou primeiro que fosse pássaro preso no mato. Depois o choro veio outra vez, mais humano, mais urgente.

Ele se aproximou da margem e viu o cesto preso entre duas pedras.

Quando levantou o pano, encontrou o menino com a mecha de prata e a menina de tranças douradas. O homem levou a mão ao peito e recuou um passo, como quem encontra não apenas crianças, mas um sinal deixado por Deus no caminho da água.

— Quem abandona isto não sabe o que perdeu — disse ele.

Tomou o cesto nos braços e correu para casa. Sua mulher, que nunca tivera filhos, recebeu as crianças com lágrimas antes mesmo de fazer perguntas. Aquela manhã, que começara como todas as outras, entrou na casa deles como destino.

E assim os filhos do rei, dados como perdidos, foram salvos pela pobreza que sabe acolher o que o palácio rejeita.

O homem simples e sua mulher fecharam a porta naquele dia como quem guarda um tesouro e um perigo ao mesmo tempo. Não contaram a ninguém de onde haviam vindo as crianças. Disseram apenas que Deus ouvira tarde uma prece antiga e lhes pusera dois filhos nos braços.

O menino e a menina cresceram naquela casa pequena, entre cheiro de pão, água de rega, sombra de figueira e canto de galos. Não conheceram berço de ouro, nem cortinas de seda, nem servos caminhando em silêncio; conheceram colo sincero, mãos calejadas e sopa dividida em partes iguais.

Ainda assim, não havia como escondê-los por completo.

Quando o menino corria ao sol, a mecha de prata brilhava de modo que parecia haver luar preso em seus cabelos mesmo ao meio-dia. Quando a menina penteava as tranças, o ouro delas soltava uma claridade mansa, como

palha nova tocada pela manhã. A mulher que os criava cobria-lhes a cabeça com panos simples, mas a luz sempre achava uma fresta.

Também cresciam com graça rara. O menino aprendia depressa o nome das árvores, o caminho da água e o temperamento dos animais. A menina ouvia uma história uma só vez e a repetia melhor, como se já soubesse antes de escutar. Onde eles punham as mãos, as coisas pareciam ganhar ordem: muda fraca se levantava, passarinho assustado voltava ao ninho, criança chorosa se calava.

— Estes dois não são como os outros — dizia às vezes o homem, em voz baixa.

— Por isso mesmo devemos guardá-los — respondia a mulher. — O mundo toma depressa aquilo que não entende.

E assim viveram os filhos do rei: escondidos dos que lhes deviam coroa, mas amados por quem lhes deu pão.

Por mais que o homem e a mulher escondessem as crianças, nenhum segredo cresce sem deixar sombra no caminho. Um vizinho viu certa manhã a luz nos cabelos do menino. Uma vendedora, passando pela horta, percebeu as tranças da menina brilhando sob o pano. Um menino da rua contou a outro, outro contou à mãe, e a mãe repetiu no mercado.

— Há duas crianças na casa do guardador de horta — diziam. — Uma traz prata nos cabelos; a outra, ouro nas tranças.

Primeiro riram, como se fosse exagero de povo. Depois alguém jurou ter visto. Depois outro jurou também. E rumor, quando ganha duas testemunhas, já entra nas casas como verdade vestida de mistério.

A notícia subiu pelas ruas, atravessou as barracas, passou pelos carregadores, entrou nos pátios de serviço e, enfim, chegou ao palácio. Foi uma criada quem a repetiu sem maldade, enquanto enchia uma bilha de água:

— Dizem que há fora dos muros duas crianças tão bonitas que parecem nascidas de promessa. Um menino com sinal de prata, uma menina com sinal de ouro.

As palavras caíram perto de ouvidos que nunca haviam esquecido a noite da substituição.

As mulheres invejosas se olharam. Não precisaram dizer tudo. O medo explicou o que a boca calou. Se aquelas crianças viviam, então a mentira delas também vivia em perigo. O que fora enterrado na noite começava a levantar a cabeça à luz do dia.

— É preciso saber mais — disse uma.

— É preciso saber depressa — disse outra.

Mandaram chamar uma mulher de recados, dessas que sabem perguntar sem parecer curiosas e olhar sem parecer que viram. Deram-lhe moedas e uma ordem simples:

— Vai à casa do guardador de horta. Vê as crianças. Escuta o que pudeses. E volta sem levantar poeira.

Assim, pela segunda vez, a inveja saiu do palácio em busca dos filhos do rei.

A mulher de recados chegou à casa do guardador de horta quando o sol já descia e as sombras das figueiras alongavam o chão. Veio com rosto de visita inocente, trazendo na boca palavras doces e nos olhos uma medida escondida.

— Que casa abençoada — disse ela, depois de olhar o menino e a menina. — Pequena por fora, mas grande por dentro. Há casas de palácio que não têm metade desta graça.

A mulher que criava as crianças agradeceu, desconfiada. O homem ofereceu água. A recadeira bebeu devagar, como quem ganha tempo para observar melhor.

Viu a mecha de prata do menino quando o pano lhe escorregou da cabeça. Viu o ouro nas tranças da menina quando a luz bateu de lado. E soube que o rumor não havia mentido.

Então suspirou.

— Só falta uma coisa a esta casa.

A menina, que tinha ouvido fino para histórias e perigos, perguntou:

— Que coisa?

A recadeira fez silêncio primeiro, pois certas mentiras entram melhor quando parecem guardadas contra a vontade.

— Não sei se devo dizer. É coisa distante, coisa de caminho difícil. Mas uma casa como esta, com duas crianças tão formosas, devia possuir também uma maravilha que completasse a fortuna delas.

— Que maravilha? — perguntou o menino.

— Um objeto que poucos viram e menos ainda trouxeram — respondeu a mulher. — Dizem que fica longe, para lá de caminho seco, de pedra alta e de voz enganadora. Quem o possui tem honra diante dos homens e admiração diante dos reis.

Não disse mais. Ou fingiu não dizer. Deixou que a imaginação das crianças trabalhasse no lugar dela.

A mulher que as criava fechou o rosto.

— Nesta casa não falta nada que Deus queira dar.

Mas a semente já havia caído. O menino ficou calado, olhando para fora. A menina baixou os olhos, como quem começa a ver dentro de si uma estrada.

Antes de partir, a recadeira ainda acrescentou:

— Há coisas que só os corajosos buscam. E há sinais que só se cumprem quando alguém se levanta para segui-los.

Quando ela voltou ao palácio, levou mais que notícia. Levou a certeza de que a armadilha tinha encontrado porta.

Naquela noite, o menino quase não dormiu. O pedido deixado pela recadeira andava dentro dele como brasa escondida. Via, de olhos abertos, o caminho distante de que ela falara; via pedra alta, caminho seco, coisa rara guardada onde poucos chegavam.

Ao amanhecer, disse ao homem que o criara:

— Pai, preciso partir.

O homem baixou a enxada que levava ao ombro. Não perguntou para onde, porque já sabia. Há decisões que anunciam o próprio nome antes de serem

ditas.

— Filho — respondeu ele — nem toda estrada que chama quer levar ao bem. Há caminhos que primeiro elogiam o corajoso e depois comem seus passos.

A mulher que os criara apertou as mãos contra o peito.

— Fica. Esta casa tem pouco, mas tem amor. Não troques o certo por uma palavra soprada por boca desconhecida.

Mas o menino trazia nos cabelos a mecha de prata e, no coração, a pressa dos que ainda não sabem distinguir destino de armadilha.

— Voltarei depressa — disse ele. — Trarei a maravilha e esta casa não será menor que nenhuma casa de rei.

A irmã ficou calada por muito tempo. Depois tirou do pulso um fio simples, usado desde criança, e o amarrou no braço dele.

— Se ouvires vozes no caminho, não respondas sem pensar. Se te chamarem pelo nome, lembra-te de quem és antes de olhar para trás.

O menino sorriu para tranquilizá-la, mas o sorriso não chegou inteiro aos olhos.

Partiu com um pouco de pão, uma bilha pequena de água e a bênção dos dois velhos. Atrás dele, a casa pareceu encolher. À frente, a estrada se abriu clara demais, como se fingisse inocência.

Caminhou até que a horta ficou longe, até que as árvores rarearam, até que a terra começou a mostrar pedras brancas sob o sol. Então o vento mudou. Já não vinha com cheiro de figueira, mas com uma secura áspera, carregando sons que não pareciam pertencer a boca humana.

O primeiro risco da viagem acabava de acordar.

O menino avançou pela terra seca até que o mundo pareceu feito só de claridade e pedra. Não havia mais sombra de figueira, nem água correndo, nem canto de pássaro. Havia apenas o caminho subindo e, dos dois lados, pedras grandes como homens calados.

No começo, ouviu apenas o vento.

Depois o vento começou a falar.

— Volta — disse uma voz fina, atrás dele.

O menino apertou o fio no braço, aquele que a irmã amarrara antes da partida, e continuou sem responder.

— Volta, filho de ninguém — disse outra voz, mais perto.

Ele deu mais alguns passos. O pão pesava pouco na sacola; a água batia devagar dentro da bilha. Lembrou-se da casa pequena, da mulher que chorara em silêncio, do homem com a enxada no ombro, da irmã olhando para ele como quem já via a distância antes que ela existisse.

Então uma voz mudou de forma. Já não parecia vento. Parecia a irmã.

— Irmão, espera por mim.

Ele parou.

A estrada diante dele brilhou por um instante, e, bem longe, entre duas pedras altas, alguma coisa pareceu reluzir. Talvez fosse a maravilha prometida. Talvez fosse só o sol batendo onde a armadilha queria que seus olhos pousassem.

— Irmão — chamou a voz outra vez. — Não me deixes sozinha.

O menino esqueceu a advertência. Esqueceu que certas vozes sabem vestir o rosto de quem amamos. Virou-se antes de pensar.

No mesmo instante, o silêncio caiu sobre o caminho.

A bilha escorregou de sua mão e se quebrou nas pedras. O pão rolou na poeira. O vento, que antes falava, calou-se como cúmplice satisfeito. O menino tentou dar um passo, mas a estrada parecia ter prendido seus pés. Tentou chamar pela irmã, mas a voz não lhe saiu inteira.

As pedras ao redor ficaram mais altas. Ou talvez fosse ele que diminuísse diante delas. A luz da mecha de prata apagou-se sob o sol duro, e o caminho guardou o viajante como quem fecha a mão sobre uma moeda.

Na casa do guardador de horta, esperaram-no nesse dia. Depois esperaram-no no outro. E, quando a terceira manhã chegou sem trazer seus passos, todos entenderam que a estrada o havia tomado.

O primeiro irmão não retornou.

Na casa do guardador de horta, a ausência do menino ocupou todos os cantos. No primeiro dia, disseram que a estrada era longa. No segundo, disseram que talvez ele tivesse encontrado abrigo. No terceiro, ninguém encontrou palavra bastante para enganar o coração.

A irmã sentava-se à porta ao cair da tarde e olhava para o caminho por onde ele partira. Via a poeira levantar-se quando passava um animal, via a sombra das figueiras se alongar, via gente voltar do campo. Mas não via o irmão.

A mulher que a criara punha a mão em seus ombros.

— Entra, minha filha. A noite não traz de volta quem o dia não trouxe.

Mas a menina continuava olhando.

Naquela noite, antes de dormir, tocou as próprias tranças e pensou no fio que havia amarrado no braço do irmão. Não sabia se o fio ainda estava inteiro, se fora perdido no caminho ou se dormia com ele sob alguma pedra encantada. Mas sentiu, no peito, uma certeza que não vinha de rumor nem de recadeira: seu irmão não se esquecera da casa. Alguma coisa o impedira de voltar.

Ao amanhecer, ela levantou-se antes dos velhos.

Dobrou um pano pequeno, tomou um pedaço de pão, encheu uma bilha de água e prendeu as tranças douradas sob um lenço simples. O homem acordou quando ela já estava junto à porta.

— Também tu? — perguntou ele, e sua voz parecia mais velha que na véspera.

— Vou buscá-lo — respondeu ela.

A mulher começou a chorar.

— Perdemos um filho para essa estrada. Não peças que entreguemos também a ti.

A menina beijou-lhe as mãos.

— Não vou porque desejo a maravilha. Vou porque meu irmão está onde não devia estar. Se eu ficar, a casa terá dois vivos e uma ausência. Se eu partir, talvez ainda possamos ter todos de volta.

O homem quis falar, mas a coragem dela lhe fechou a boca. Então deu-lhe a bênção, não como quem aprova a partida, mas como quem não consegue deter o destino.

A menina saiu quando a manhã ainda era clara. Atrás dela, a casa pequena ficou em silêncio. À frente, a estrada esperava, fingindo ser apenas estrada.

A menina seguiu a estrada que o irmão havia tomado. No começo, ainda havia marcas conhecidas: a curva da horta, a sombra curta das figueiras, a poeira pisada por homens e animais. Depois tudo isso ficou para trás, e o caminho começou a perder a voz das coisas vivas.

Ela caminhava sem pressa. Quem vai salvar alguém não deve correr para dentro da armadilha. Levava o pão, a água e um silêncio firme, mais forte que qualquer resposta.

Quando as árvores rarearam e as pedras começaram a aparecer, a menina cobriu melhor as tranças douradas. Não queria que a luz delas chamasse o perigo antes da hora. Então lembrou-se do irmão, da mecha de prata brilhando ao sol, e apertou os lábios para não chorar.

Foi nesse momento que o vento falou.

— Volta, menina. Teu irmão já esqueceu teu nome.

Ela continuou.

— Volta, filha de casa pobre. O caminho não devolve o que toma.

Ela continuou.

As vozes cresceram. Algumas vinham de trás, outras pareciam nascer de dentro das pedras. Uma ria como recadeira satisfeita; outra gemia como velha cansada; outra tentou falar com a voz da mulher que a criara.

— Minha filha, volta. Não me deixes sem os dois.

A menina fechou os olhos por um instante, mas não virou o rosto. Tocou o lenço que prendia suas tranças e respondeu apenas dentro de si: se fosse minha mãe, pediria que eu vencesse o medo, não que eu abandonasse meu irmão.

Então a voz mudou outra vez.

— Irmã — chamou alguém adiante e atrás ao mesmo tempo. — Estou aqui.

O coração dela saltou. Os pés quase pararam. A palavra “irmã” abria nela uma porta que nenhuma outra voz conseguiria abrir. Mas a menina respirou fundo, olhou para o chão diante dos próprios passos e não para o lugar de onde vinha o chamado.

— Se és meu irmão — disse ela, sem falar alto, para que a estrada não tomasse sua voz — espera-me onde a verdade possa te encontrar.

E continuou andando.

As pedras pareceram se aproximar. O sol ficou duro. O vento, irritado por não ser obedecido, começou a correr em círculos ao redor dela. Ainda assim, a menina avançou. Cada passo era pequeno, mas era dela. E o caminho, que esperava uma presa fácil, encontrou alguém que sabia desconfiar até da própria saúde.

A menina continuou caminhando até que as vozes começaram a se cansar de chamá-la. O vento ainda roçava seu ouvido, mas já não trazia palavras inteiras. As pedras, porém, pareciam mais numerosas, como se tivessem brotado do chão enquanto ela avançava.

Então viu a primeira coisa.

Era uma bilha quebrada, caída entre duas pedras brancas. Um resto de água havia secado ao redor, deixando na poeira uma mancha escura, quase apagada pelo sol. Perto dela, havia migalhas de pão endurecidas, espalhadas como se uma mão as tivesse largado de repente.

A menina parou.

Conhecia aquela bilha. Conhecia aquele modo simples de amarrar a corda no gargalo. Fora a mulher que os criara quem a enchera na manhã da partida do irmão.

— Ele chegou até aqui — pensou.

Não disse em voz alta. Já aprendera que a estrada escutava melhor quando fingia silêncio.

Deu mais um passo e viu, preso na ponta de uma pedra, um fio gasto, quase da cor da poeira. Abaixou-se devagar. Era o fio que ela havia tirado do próprio pulso e amarrado no braço do irmão. Estava rompido, mas não parecia cortado por faca. Parecia vencido por força invisível.

A menina segurou o fio entre os dedos, e foi então que a luz mudou.

Uma pedra adiante, mais alta que as outras, tinha na superfície um brilho fino, prateado, como se uma mecha de luar tivesse sido presa ali dentro. Não era claridade do sol. O sol batia em muitas pedras, mas só aquela guardava um reflexo que doía nos olhos e no coração.

A menina quis correr até ela. Quis chamar pelo irmão. Quis tocar a pedra e ordenar que lhe devolvesse o que havia tomado.

Mas a estrada esperava exatamente isso.

Ela respirou fundo, fechou a mão sobre o fio rompido e não correu. Aproximou-se apenas o bastante para ver que o brilho tremia, pequeno, preso, como coisa viva que não podia se mover.

— Eu te encontrei — murmurou, tão baixo que nem o vento pôde ter certeza do que ouvira.

A pedra não respondeu. Mas, por um instante, o brilho prateado pareceu acender e apagar, como se uma palavra presa tivesse batido por dentro do silêncio.

A menina compreendeu então que o irmão não estava simplesmente perdido. Havia sido guardado pelo encantamento do caminho. E, se o caminho guardava, talvez houvesse também um modo de obrigá-lo a devolver.

A menina ficou diante da pedra sem saber quanto tempo passara. O brilho prateado tremia, pequeno, como se dentro dele houvesse uma respiração presa. O coração dela pedia pressa: tocar a pedra, sacudi-la, chamar o irmão até que o silêncio se partisse.

Mas outra parte dela — mais funda, mais fria, mais atenta — mandava esperar.

O caminho havia vencido o irmão quando ele se apressara em responder ao chamado. A estrada gostava de movimento sem pensamento, de rosto virado sem cuidado, de mão estendida antes da hora. Se ela agora corresse para a

pedra, talvez o encantamento apenas ganhasse mais uma presa.

Então as vozes voltaram, muito baixas, quase carinhosas.

— Toca nele.

A menina não tocou.

— Chama por ele.

A menina não chamou.

— Quebra a pedra, se tens coragem.

A menina fechou a mão sobre o fio rompido e entendeu que coragem não era obedecer ao primeiro impulso. Às vezes, coragem era negar ao medo aquilo que ele pedia com urgência.

Olhou em volta. Havia outras pedras no caminho, muitas, demasiadas, algumas altas como homens de pé, outras curvadas como mulheres chorando. O pensamento lhe passou como sombra: se cada uma guardasse alguém, a estrada não era apenas estrada; era prisão.

— Se eu não conheço a chave — pensou — posso quebrar a porta errada.

Ajoelhou-se perto da pedra prateada e colocou no chão três pedrinhas pequenas, uma sobre a outra, para marcar o lugar. Depois prendeu o fio rompido dentro da roupa, junto ao peito. Não era amuleto, não era solução; era lembrança. E lembrança, quando não nos derruba, pode nos guiar.

— Voltarei — murmurou. — Mas voltarei sabendo como te tirar daqui.

O brilho prateado pareceu estremecer. Talvez fosse resposta. Talvez fosse apenas o sol mudando de posição. A menina não perguntou à estrada qual das duas coisas era verdade.

Levantou-se devagar. As vozes esperaram que ela olhasse para trás, que se arrependesse, que desmanchasse a decisão. Mas ela olhou para a frente.

Se o caminho tomava os que não compreendiam sua regra, ela teria de avançar até encontrar essa regra. A maravilha que a recadeira havia plantado como isca talvez escondesse também a chave do encantamento.

E assim a irmã deixou atrás de si a pedra do primeiro irmão, não por abandono, mas por promessa.

A irmã deixou para trás a pedra marcada e seguiu pelo caminho estreito. Cada passo parecia afastá-la do irmão e, ao mesmo tempo, aproximá-la do modo de salvá-lo. Era uma dor estranha: caminhar para longe por fidelidade.

As pedras cresceram ao redor dela. Umas tinham forma de ombro curvado; outras, de rosto sem boca; outras pareciam mãos surgindo da terra, endurecidas antes de alcançar o céu. A menina não sabia se via apenas pedra ou se o caminho lhe mostrava o destino de quem o obedecera sem prudência.

Por isso não tocava em nada.

O vento mudou de novo. Já não imitava vozes conhecidas. Agora assobiava baixo entre as fendas, como quem guarda segredo e se aborrece por não poder contá-lo. De vez em quando, uma pedra estalava ao sol, e o som era tão seco que lembrava palavra quebrada.

A menina continuou.

Quando o medo lhe pedia pressa, ela diminuía o passo. Quando a saudade pedia que olhasse para trás, ela olhava para o chão adiante. Quando o silêncio parecia seguro demais, ela desconfiava dele. Assim atravessou a parte mais fechada da estrada, sem se entregar nem ao chamado nem ao orgulho de vencê-lo.

Depois de algum tempo, percebeu que a claridade mudara. A luz dura das pedras começava a receber uma sombra diferente, mais funda, quase fresca. Entre dois rochedos altos, havia uma abertura estreita. Dali vinha um ar que não cheirava a poeira nem a sol queimado.

A menina parou antes de entrar.

Não viu ainda a maravilha. Não viu pássaro, nem árvore, nem fonte, nem ramo, nem objeto que pudesse nomear. Viu apenas que o caminho deixava de ser caminho e se tornava entrada.

Do outro lado da abertura, alguma coisa parecia esperar sem chamar.

A irmã apertou contra o peito o fio rompido do irmão e respirou devagar. A armadilha havia falado muito até ali. O que viesse agora talvez fosse mais

perigoso justamente por ficar calado.

Então ela deu o primeiro passo em direção ao lugar da maravilha.

A irmã atravessou a abertura entre os rochedos e sentiu que o ar ali obedecia a outra lei. Do lado de fora, o sol queimava as pedras; ali dentro, havia uma sombra clara, como luz filtrada por coisa invisível.

O chão era liso demais para caminho comum. Não havia rastro de animal, marca de sandália ou folha caída. Apenas uma linha fina, mais escura que a terra ao redor, seguia para dentro.

A menina parou antes de pisá-la.

Então ouviu um som.

Não era voz inteira, nem vento. Parecia água distante misturada a bater de asas que ela não via. O som cresceu sem pressa e dele saiu uma advertência:

— Quem chega perguntando perde a resposta. Quem chega tomando perde a mão. Quem chega correndo fica para sempre no caminho.

A irmã não respondeu. Apertou o fio rompido do irmão junto ao peito e escutou.

À direita da entrada havia uma pedra baixa, lisa, quase redonda. Sobre ela, três sinais: um risco, um círculo e um ponto escuro como gota seca. A menina não sabia lê-los, mas entendeu que eram aviso, não enfeite.

A voz falou outra vez:

— A maravilha não se entrega ao desejo. Só passa quem sabe para que veio.

A irmã pensou no irmão preso na pedra prateada. Pensou na casa do guardador de horta. Pensou na mentira escondida no palácio. E soube que não bastava dizer “vim buscar”. Quem busca por orgulho se parece com quem veio antes e não voltou.

No limiar, o silêncio também era prova.

Do outro lado da sombra, alguma coisa brilhou sem se mostrar.

A entrada esperava uma resposta.

A irmã abaixou os olhos para os três sinais: risco, círculo e ponto. Não compreendia aquela escrita. Ainda assim, suspeitou: caminho, volta, parada. Talvez fosse isso. Talvez fosse outra coisa. Em lugar encantado, certeza demais já é começo de erro.

A voz perguntou:

— Para que vieste?

A menina tocou o fio rompido do irmão, não como prova, mas como lembrança.

— Não vim tomar o que não é meu — respondeu. — Vim buscar o caminho que devolve quem foi tomado. Se a maravilha abre esse caminho, ensina-me a chegar a ela sem me perder.

O silêncio se fechou em torno da resposta. Pareceu que toda a entrada a escutava: a pedra baixa, a linha escura, o ar fresco, a claridade sem fonte.

Então o som voltou, mais nítido:

— Primeira regra: não sigas o que brilha primeiro. O brilho que chama é isca. O brilho que espera é porta.

A linha escura dividiu-se em duas. À esquerda, surgiu uma claridade viva, quase dourada, como promessa fácil. À direita, abriu-se uma sombra estreita, sem beleza, mas dela vinha o mesmo ar fresco do limiar.

A prova não era encontrar caminho. Era escolher o que não seduzia.

A menina olhou uma vez para a luz dourada. Depois desviou os olhos.

— O brilho que chama é isca — repetiu.

E pôs o pé na sombra estreita.

A irmã entrou pela sombra estreita sem olhar de novo para a claridade dourada. Atrás dela, a luz fácil estremeceu como coisa ofendida. Depois se apagou.

A passagem era apertada. Seus ombros quase tocavam as paredes frias. Não havia música, promessa ou beleza. Havia apenas um caminho pobre, escuro e direito, pequeno demais para parecer caminho de maravilha.

Ela continuou.

Pequenas claridades começaram a acender nas laterais. Algumas tinham cor de ouro novo. Outras lembravam prata. Uma brilhou com o mesmo tom da pedra onde o irmão estava preso.

A menina apertou o fio rompido contra o peito, mas não parou.

— Se és sinal verdadeiro, saberás esperar — pensou.

A passagem desceu um pouco e se abriu como mão que afrouxa devagar. A sombra ficou mais larga. O ar esfriou. Surgiu um perfume leve: não era flor conhecida, nem água comum, nem fumaça de casa. Era cheiro de coisa guardada há muito tempo.

Diante dela havia um espaço redondo, cercado de paredes lisas. No centro, alguma coisa brilhava sem chamar. Não lançava luz aos seus pés. Não prometia glória. Apenas estava ali.

A menina não avançou logo.

Viu marcas antigas no chão: passos interrompidos, manchas escuras, fragmentos de pedra. Outros talvez tivessem chegado até ali e errado no último gesto.

A maravilha estava próxima.

Mas ainda não era hora de tocá-la.

No centro do espaço redondo, a claridade quieta ganhou contorno.

Primeiro pareceu chama pequena, imóvel. Depois, flor fechada. Depois, quando os olhos da menina aprenderam a ver sem cobiça, a forma se abriu em penas.

Era uma ave.

Ou parecia ave, pois nenhuma ave comum poderia ficar tão imóvel e tão viva. Estava pousada sobre uma pedra baixa, lisa como tigela virada. Suas penas mudavam conforme o olhar: noite molhada, azul, verde, ouro, e no peito um brilho branco como água antes do amanhecer.

A irmã soube que chegara à maravilha.

A ave não a chamou. Não cantou. Não abriu as asas. Apenas esperou, com olhos atentos, como se visse nela mais do que ela própria sabia mostrar.

A menina deu meio passo.

O chão escureceu sob seus pés. Não foi ameaça; foi aviso. A voz voltou, agora mais baixa, como se saísse da pedra onde a ave pousava:

— Segunda regra: não tomes com a mão aquilo que primeiro deve ser ouvido.

A menina parou.

A ave inclinou a cabeça. Em seus olhos não havia mansidão nem ferocidade; havia memória. A menina pensou no irmão preso, nas crianças deixadas no cesto, na mãe caluniada, em toda verdade que parecia ter ficado sem boca.

A voz continuou:

— Quem me agarra leva pena muda. Quem me escuta pode levar palavra viva.

A irmã recolheu a mão que nem chegara a erguer.

— Não vim te prender — disse. — Vim escutar o que devolve.

As penas da ave se moveram uma vez, como tocadas por ar vindo de muito longe.

E, pela primeira vez desde que entrara naquele caminho, a irmã sentiu que talvez a estrada não fosse vencida pela força, mas por atenção.

A irmã ficou diante da ave com as mãos quietas.

Então fez a única coisa que ainda podia fazer.

Escutou.

A ave abriu o bico, mas o som que saiu não era canto. Era água sob pedra, folha antes do vento, palavra antiga voltando à boca.

— O encantamento não começa na pedra — disse a ave. — Começa quando alguém responde à mentira como se ela fosse verdade.

A menina sentiu o fio rompido pesar junto ao peito.

— Meu irmão respondeu a uma voz que não era minha.

— E a voz tomou dele o passo, a fala e o nome — respondeu a ave. — A pedra guarda o que o medo entrega. Mas nenhuma pedra guarda para sempre aquele que ouve o próprio nome verdadeiro.

A prisão do irmão não era só pedra. Era silêncio.

— Que nome devo dizer? — perguntou a menina.

As penas da ave escureceram por um instante.

— Ainda não pergunte pelo nome. Primeiro aprende isto: não se quebra a pedra com força. Não se abre a prisão com grito. Chama-se de volta aquilo que a mentira separou.

A irmã pensou no irmão. Na mãe que nunca os criara. No rei enganado. No cesto sobre a água. Na casa pobre que lhes dera abrigo. De repente, o encantamento parecia maior que a estrada: havia pedra no caminho, mas havia também pedra dentro da verdade escondida.

A ave falou de novo:

— Para devolver quem foi tomado, é preciso levar uma palavra viva até onde a palavra morreu.

— E tu tens essa palavra?

— Tenho o começo dela. Mas começo não é posse. Começo é responsabilidade.

A menina não pediu glória, prova ou sinal para mostrar aos homens. Apenas guardou o que ouvira: a pedra não se quebrava; chamava-se.

Era pouco.

Mas, naquele lugar, pouco já era uma porta entreaberta.

A irmã ficou quieta depois de ouvir a ave. Havia palavras demais dentro dela, mas nem toda pergunta merece sair depressa da boca.

Por fim, disse:

— Se há palavra viva que alcança onde a palavra morreu, dá-me ao menos o começo dela. Não para possuir tua voz, mas para voltar à pedra do meu irmão sem chegar de mãos vazias.

A ave olhou para ela por longo tempo.

— Quem leva uma palavra viva não leva enfeite. Leva dívida.

— Aceito a dívida.

A ave abriu um pouco as asas. A luz presa nas penas não aumentou; apenas se ordenou. Então uma pena pequena se soltou sozinha e caiu devagar diante da menina.

A irmã esperou.

A pena se moveu, sem vento, e encostou na ponta de sua sandália. Só então ela se abaixou e a recolheu com cuidado. Não a apertou. Guardou-a junto ao fio rompido do irmão.

A ave disse:

— Quando chegares à pedra, não digas ainda o nome. Diz primeiro: “lembra-te”. Se dentro da pedra houver ouvido, a luz responderá. Se a luz responder, voltarás a mim para receber o que falta.

A irmã queria levar a palavra inteira, correr e terminar o sofrimento. Mas já aprendera que a pressa era uma forma de obedecer à armadilha.

— Então ainda não posso libertá-lo?

— Ainda não. Primeiro saberás se ele pode ouvir.

A menina assentiu. Levava pouco: uma pena, uma palavra inicial e uma esperança sem garantia.

Mas agora havia direção.

E, dentro dela, “lembra-te” começou a bater como pequena asa.

A irmã guardou a pena junto ao coração e baixou a cabeça diante da ave.

— Voltarei se a luz responder — disse.

A ave não abriu as asas, não cantou, não chamou. Apenas fechou os olhos, como quem entregava a menina ao caminho.

Então a irmã se afastou.

A sombra estreita já não parecia a mesma. Antes fora passagem de entrada; agora era garganta de retorno. As pequenas claridades que ela ignorara na ida tornaram a acender-se nas laterais.

Uma luz dourada insinuou-se à esquerda, quase doce. Uma luz prateada apareceu à direita, parecida demais com a pedra do irmão. A menina sentiu o coração tropeçar, mas não parou.

— Se és sinal verdadeiro, saberás esperar.

A pena, junto ao peito, era leve demais para arma, frágil demais para chave, silenciosa demais para resposta. Ainda assim, ela caminhava diferente por levá-la.

Quando alcançou a abertura entre os rochedos, o vento a recebeu com aspereza. As pedras mudas estavam ali, no mesmo lugar. Algumas sombras alongaram-se como dedos. Uma voz distante tentou rir.

— Achaste a maravilha?

A irmã não respondeu.

— Trouxeste ouro? Trouxeste canto? Trouxeste poder?

Ela continuou.

A palavra “lembra-te” batia dentro dela, pequena e firme. Não era para ser gasta com o caminho. Era palavra guardada para onde a palavra havia morrido.

Ainda não havia libertação.

Havia apenas o retorno começando.

E, à frente, entre a claridade dura e as pedras imóveis, esperava o lugar onde a mecha de prata continuava presa no silêncio.

A irmã reconheceu o lugar antes de chegar.

Viu as três pedrinhas empilhadas, ainda de pé. Viu a bilha quebrada, as migalhas endurecidas, o pó que a estrada parecia não querer abandonar.

Por fim, viu a pedra.

Estava onde a deixara: alta, muda, com o brilho prateado preso na superfície. O sol batia em muitas pedras, mas só aquela guardava claridade de lembrança.

A menina parou a poucos passos. Sentiu a pena junto ao coração e o fio rompido ao lado dela.

As vozes se calaram de repente.

Esse silêncio não a tranquilizou.

Aproximou-se devagar. Não tocou a pedra. Não chamou o irmão pelo nome. A ave dissera que ainda não era hora.

A menina respirou.

— Lembra-te — disse.

A palavra saiu baixa. Se fosse comum, teria morrido antes de alcançar a pedra. Mas ela a disse como quem põe água na raiz de planta quase seca.

Nada aconteceu.

O caminho pareceu sorrir em volta dela, sem boca. Uma voz muito fina sussurrou:

— Não há ouvido na pedra.

Ela fechou os olhos e não respondeu.

Lembrou-se da ave. Lembrou-se da pena que caíra sem ser arrancada. Abriu os olhos e disse outra vez:

— Lembra-te.

Dessa vez, o brilho prateado tremeu.

Foi quase nada: reflexo de água dentro de tigela escura. Mas a irmã viu. A pedra não se abriu, não rachou, não devolveu o irmão. Ainda assim, por um instante, a luz presa pareceu escutar.

— Tu ouves — murmurou.

O brilho respondeu com outro tremor, mais fraco. Depois se aquietou.

A irmã compreendeu: não trouxera a libertação, mas a prova de que havia alguém dentro do silêncio. Agora teria de voltar à maravilha e pedir o que faltava.

Antes, tinha encontrado uma prisão.

Agora sabia que, dentro da prisão, havia escuta.

A irmã voltou pelo caminho das pedras com menos medo, mas não com menos cuidado. Saber que o irmão ainda podia ouvir tornava a esperança mais perigosa, porque agora ela queria correr.

E ela não correu.

Passou pela bilha quebrada, pelas pedras caladas, pelas sombras que fingiam ser apenas sombras. As vozes tentaram segui-la, mas já não sabiam que rosto vestir. Chamaram-na de orgulhosa, fraca, filha de ninguém, irmã atrasada.

Nenhum desses nomes lhe pertencia.

Quando alcançou a abertura entre os rochedos, a sombra estreita não se fechou. No espaço redondo, a ave ainda estava sobre a pedra baixa. Parecia não ter se movido; mas seus olhos se abriram antes que a menina falasse.

— A luz respondeu — disse a irmã.

A ave inclinou a cabeça.

— Então há ouvido dentro da pedra.

— Há ouvido. Mas não há caminho para sair.

Uma claridade branca passou pelo peito da ave.

— Porque lembrança chama. Mas só o nome verdadeiro guia.

A irmã sentiu a garganta apertar.

— Dá-me, então, o nome dele.

A ave fechou os olhos. Quando tornou a falar, sua voz veio do bico, das paredes, da pedra baixa e da pena escondida junto ao coração da menina:

— Nome verdadeiro não é apelido de casa, nem palavra que o mundo põe sobre alguém. É a parte que a mentira não consegue comer. Para teu irmão,

dirás: “lembra-te da água que te levou e do pão que te criou; lembra-te da irmã que te chama sem te possuir; lembra-te do sangue que a mentira ocultou”.

A menina escutou cada palavra como quem segura água nas mãos.

— E depois?

— Depois porás a pena sobre a pedra e calarás. Se a lembrança tiver acordado o ouvido, o nome subirá de dentro. Não o inventes. Não o forces. Escuta-o e devolve-o.

A irmã compreendeu: a palavra completa não era apenas frase a repetir. Era escuta de volta. Era chamar o irmão até o ponto em que ele mesmo pudesse lembrar-se de quem era.

— E se o nome não subir?

— Então ainda não será hora. Mas, se subir e tu o disseres sem orgulho, a pedra terá de devolver o que guardou.

A menina tocou a pena sob a roupa. Não a mostrou. Não prometeu demais. Apenas baixou a cabeça.

Agora levava mais que o começo.

Levava a maneira de escutar o fim.

A irmã deixou outra vez o espaço da maravilha e voltou ao caminho das pedras. Agora levava a pena junto ao peito, a lembrança completa na boca fechada e uma ordem difícil dentro do coração: não inventar o nome, não forçar o nome, não gritar o nome.

A estrada percebeu que ela vinha diferente.

Antes, as vozes haviam tentado assustá-la. Depois, tentaram enganá-la. Agora se calaram por longos trechos, como se o silêncio fosse a última roupa da armadilha. A menina conhecia esse truque. Continuou devagar.

Quando chegou à pedra do irmão, a claridade prateada parecia mais fraca do que antes. Talvez o encantamento estivesse cansado. Talvez apenas fingisse fraqueza para arrancar dela um gesto apressado.

A irmã se ajoelhou.

Não tocou a pedra com a mão. Primeiro tirou a pena do peito e a colocou sobre a superfície fria, bem no ponto onde a luz tremia. A pena não caiu. Ficou ali, leve demais para pesar, firme demais para ser levada pelo vento.

Então a menina falou, baixa e claramente:

— Lembra-te da água que te levou e do pão que te criou. Lembra-te da irmã que te chama sem te possuir. Lembra-te do sangue que a mentira ocultou.

A pedra permaneceu imóvel.

Mas a pena mudou de cor.

Por um instante, deixou de parecer pena e pareceu chama branca deitada sobre a pedra. A luz prateada por baixo dela acordou com dificuldade, como olho que abre depois de sono longo. A irmã manteve a boca fechada, porque a ave dissera: escuta-o e devolve-o.

O caminho inteiro pareceu prender a respiração.

Então veio um som de dentro da pedra. Não era ainda voz. Era mais fundo que voz: um rumor de água fechada, de passo impedido, de nome procurando saída. A menina sentiu vontade de ajudar, de completar por ele, de dizer qualquer palavra que terminasse logo a dor.

Não disse.

Esperou.

A luz prateada subiu pela pedra em fios finos. Um deles tocou a pena; outro correu como rachadura; outro iluminou o chão em volta. A pedra estalou uma vez, muito baixo, como se tivesse aprendido a lembrar.

Então o nome subiu.

Não veio como nome de mercado, nem como apelido de casa, nem como palavra que se pudesse escrever em porta. Veio como sentido inteiro, e a irmã entendeu antes de repetir:

— Tu és o filho da promessa. Tu és o que a mentira não conseguiu apagar. Tu és meu irmão.

A pedra tremeu.

Dessa vez, não foi apenas a luz. A pedra inteira respondeu. Uma linha abriu-se no lugar onde a pena repousava, fina como fio, depois mais clara, depois mais funda. De dentro veio um sopro, e nesse sopro havia frio de sombra, cheiro de estrada e uma voz quase humana, quase esquecida.

— Irmã...

A menina levou as mãos à boca para não tocar antes da hora. Chorou sem fazer ruído. A pedra ainda não devolveria tudo de uma vez; ela sentiu isso. Mas já não era prisão fechada. O encantamento havia cedido seu primeiro segredo.

Ao redor, outras pedras pareceram escutar.

A irmã não se voltou para elas. Ainda não. Primeiro precisava terminar de chamar aquele que a chamara de volta.

A voz que saiu da pedra era fraca, mas era voz. E, por ser voz, a irmã precisou de toda a sua coragem para não quebrar a regra no instante em que mais desejava esquecê-la.

— Irmã... — repetiu o sopro de dentro.

A menina aproximou o rosto, mas não a mão.

— Estou aqui — respondeu. — Mas não vim te arrancar. Vim te chamar de volta.

A pena, pousada sobre a fenda, tornou-se mais clara. Não era chama, embora iluminasse. Não era água, embora parecesse correr. A luz dela entrou devagar pela rachadura, como se procurasse caminho sem ferir a pedra.

Então a irmã disse outra vez, com a mesma voz baixa:

— Lembra-te da água que te levou.

A pedra estremeceu.

— Lembra-te do pão que te criou.

Uma segunda linha abriu-se, cruzando a primeira.

— Lembra-te da casa que esperou por ti.

Do interior veio um som de respiração, como alguém que acorda depois de muito tempo sem saber se ainda pertence ao mundo.

— Lembra-te da irmã que te chama sem te possuir.

A luz prateada correu pela pedra inteira. O brilho que antes ficava preso na superfície começou a se mover por dentro, desenhando o contorno de um ombro, de um rosto, de uma mão ainda fechada. A menina chorou de novo, mas não permitiu que o choro virasse pressa.

Faltava a última parte.

— Lembra-te do sangue que a mentira ocultou.

A pedra abriu-se.

Não quebrou em pedaços; abriu-se como fruto seco que finalmente cede à chuva. A fenda cresceu, a superfície se afastou sem ruído de queda, e de dentro dela saiu primeiro uma claridade, depois uma sombra humana, depois o irmão.

Ele caiu de joelhos no chão, magro de encantamento, pálido de silêncio, mas vivo. A mecha de prata, que parecia apagada sob a pedra, brilhou outra vez, fraca no começo, depois mais firme, como luar recém-lavado.

A irmã quis abraçá-lo imediatamente. Parou um instante, ainda temendo que a estrada guardasse uma regra final. Mas o irmão ergueu os olhos, reconheceu-a e abriu os braços.

Então ela correu para ele.

Abraçaram-se sem palavra. Havia palavras demais entre os dois, e nenhuma delas cabia no primeiro abraço. Ele tremia; ela também. A pena, que ficara sobre a pedra aberta, desprendeu-se sozinha e voltou a cair aos pés da menina, agora com uma pequena mancha prateada na ponta.

O irmão olhou em volta, confuso.

— Quanto tempo fiquei? — perguntou.

— Tempo bastante para o caminho pensar que te possuía — respondeu ela.

Ele baixou os olhos para as outras pedras. Só então a irmã percebeu que o silêncio ao redor mudara. Não era mais o silêncio duro da prisão. Era um silêncio cheio de escuta. Aqui e ali, em pedras que antes pareciam comuns, surgiam pequenos brilhos: um dourado cansado, um azul quase apagado, um verde tão fundo que parecia lembrança de jardim.

O irmão também viu.

— Não sou o único — disse ele.

A irmã segurou a pena com cuidado. Sentiu que ela ainda guardava calor, mas menos que antes, como se tivesse gasto parte de sua força para devolver o primeiro nome.

— Talvez todos possam ouvir — respondeu. — Mas não sei ainda se posso chamar todos.

As pedras continuaram quietas. Nenhuma pediu. Nenhuma gritou. Nenhuma tentou prendê-la. Apenas esperavam, como se a libertação do irmão tivesse aberto uma fresta no grande silêncio do caminho.

A irmã compreendeu que a maravilha não lhe dera apenas uma salvação. Dera-lhe uma responsabilidade maior do que o medo.

Mas primeiro precisava levar o irmão de volta à casa.

A verdade do palácio ainda dormia longe. A mãe caluniada ainda não sabia que seus filhos viviam. O rei ainda não conhecia a mentira que sustentava sua casa. E a ave, em algum lugar atrás dos rochedos, talvez esperasse o momento de falar aos homens, não às pedras.

Por enquanto, a irmã ajudou o irmão a ficar de pé.

E os dois, ainda trêmulos, voltaram o rosto para o caminho de casa.

O irmão caminhava com dificuldade. Não porque lhe faltassem pernas, mas porque quem fica muito tempo preso no silêncio demora a confiar de novo no próprio passo. A irmã o segurava pelo braço, sem apressá-lo. Já aprendera que a pressa era uma língua que o caminho entendia bem demais.

Atrás deles, a pedra aberta permanecia quieta. Não voltou a fechar. Ficou ali, como casca deixada por vida que saiu. Ao redor, as outras pedras guardavam

pequenos brilhos, mas nenhum chamado se ergueu delas. Era como se esperassem uma palavra que ainda não tinha sido dada.

— Devíamos ajudá-los? — perguntou o irmão, olhando para os reflexos presos.

A irmã apertou a pena na mão.

— Devíamos — respondeu. — Mas não sei ainda como chamar sem ferir. Primeiro precisamos voltar vivos.

O irmão assentiu. Não era covardia. Era o tipo de prudência que ele não tivera quando partira pela primeira vez.

Seguiram.

A estrada, que antes parecia feita de sol duro e vontade própria, agora parecia cansada. As pedras ainda estavam lá, mas já não pareciam tão altas. O vento passava entre elas sem conseguir formar vozes inteiras. Uma ou outra palavra quebrada tentava nascer — volta, espera, perde —, mas se desfazia antes de alcançar os dois.

O irmão estremeceu quando ouviu o primeiro sussurro.

— Não respondas — disse a irmã, baixinho.

— Não vou responder — disse ele. — Agora conheço o gosto da voz falsa.

Mais adiante encontraram a bilha quebrada, as migalhas secas, o lugar onde o fio se rompera. O irmão parou diante daquilo como quem encontra restos de uma vida que quase deixou de ser sua.

— Fui eu que deixei isso? — perguntou.

— Foste tu — respondeu a irmã. — E também não foste. O medo deixa coisas que a gente não escolheria deixar.

Ele abaixou a cabeça. A mecha de prata brilhou fraca sob o sol, mas já não era brilho preso: movia-se com ele, obedecia ao vento, pertencia de novo ao corpo.

A irmã guardou a pena junto ao peito. A pequena mancha prateada na ponta dela se acendeu por um instante, como se reconhecesse a liberdade recém-devolvida. Depois se aquietou.

Quando chegaram perto da abertura entre os rochedos, o ar mudou outra vez. Do lado de dentro, ainda vinha a sombra fresca do lugar da maravilha; do lado de fora, começava a subir o cheiro conhecido de terra, figueira e água de rega. Entre uma coisa e outra, o irmão parou.

— A maravilha fica ali? — perguntou.

— Fica — disse a irmã.

— E nós vamos deixá-la?

A menina olhou para a passagem. Pensou na ave pousada sobre a pedra baixa, na memória dentro dos olhos dela, na voz que ensinara a escutar antes de tomar. Por um momento, sentiu que, se voltasse agora, talvez recebesse outra ordem, outra dívida, outro caminho.

Mas o irmão ainda tremia ao seu lado. E, na casa pequena, dois velhos esperavam por filhos que talvez já tivessem chorado como perdidos.

— Não se deixa aquilo que sabe esperar — respondeu ela. — A maravilha não fugiu de mim quando precisei voltar. Se for necessário, ela saberá me chamar de novo.

Então atravessaram os rochedos e deixaram para trás o caminho de pedra.

A volta pela terra conhecida pareceu longa e breve ao mesmo tempo. Longa, porque o irmão se cansava depressa. Breve, porque cada árvore reencontrada era uma prova de que o mundo comum ainda existia. Primeiro veio uma moita baixa. Depois uma sombra torta. Depois o som de água correndo em canal pequeno. Depois o cheiro de pão distante, tão humano que o irmão fechou os olhos.

— Pensei que nunca mais sentiria isso — disse ele.

A irmã não respondeu. Também ela tinha medo de responder e chorar demais.

Quando a horta apareceu, o sol já começava a baixar. As figueiras lançavam sombras compridas, e a casa do guardador parecia menor do que quando a menina partira, como se tivesse encolhido de espera.

O homem estava perto do portão, sentado numa pedra, com a enxada deitada ao lado. Tinha os olhos voltados para a estrada, mas sem esperança no rosto;

era olhar de quem continua olhando porque não sabe fazer outra coisa.

Foi ele quem os viu primeiro.

Levantou-se devagar, como se temesse que qualquer movimento brusco quebrasse a visão. Depois deu um passo. Depois outro. Então reconheceu o menino, a mecha de prata, o corpo magro, o braço apoiado na irmã.

— Mulher! — gritou, e a voz lhe saiu partida. — Mulher, vem ver!

A mulher saiu de dentro da casa com as mãos ainda úmidas de massa ou de lágrimas. Quando viu os dois, levou as mãos à boca e não conseguiu falar. Toda a dor dos dias de espera subiu ao rosto dela de uma vez.

O irmão tentou sorrir.

— Mãe — disse, usando o nome que a vida lhe dera antes que a verdade antiga pudesse reclamar outro.

Ela correu até ele.

Abraçou primeiro o menino, depois a menina, depois os dois juntos, como se precisasse contar com os braços aquilo que os olhos não acreditavam. O homem chegou logo depois, e os quatro ficaram ali, no meio da entrada, cercados por poeira, figueiras e uma felicidade assustada.

Ninguém perguntou tudo. Não naquele primeiro instante.

A irmã sentiu a pena aquecer sob a roupa. Não era calor de fogo; era calor de aviso. A casa os recebia, mas a história ainda não acabara. A mentira que os lançara às águas continuava de pé no palácio. A mãe verdadeira ainda vivia sem saber. O rei ainda dormia dentro do engano.

Mesmo assim, por aquela hora, a menina permitiu que a casa fosse apenas casa.

O caminho encantado ficara para trás, mais fraco do que antes.

Mas a verdade, essa, começava a acordar.

Levaram o irmão para dentro da casa como quem leva de volta uma lâmpada que quase se apagou. A mulher o fez sentar perto da parede mais fresca, trouxe água, lavou-lhe o rosto com a ponta do véu e tocou a mecha de prata

com cuidado, como se temesse que a luz se desfizesse entre seus dedos.

O homem fechou a porta devagar.

Não por medo da noite. Por medo das perguntas do mundo.

Durante algum tempo, ninguém pediu explicação. A mulher pôs pão sobre a mesa, azeitonas, um pouco de leite, tudo o que havia. O irmão comeu pouco, mas cada pedaço parecia devolvê-lo um pouco mais ao corpo. A irmã ficou sentada diante dele, com a pena escondida junto ao peito, sentindo o calor dela crescer e diminuir como respiração pequena.

Por fim, o homem falou:

— Filha, que estrada foi essa que tomou um de vós e devolveu dois diferentes?

A irmã baixou os olhos. Não queria contar tudo de uma vez. Certas verdades, quando entram depressa demais numa casa, quebram o que vieram salvar.

— A estrada tinha vozes — disse. — Vozes que vestiam o rosto de quem amamos. Meu irmão respondeu a uma delas e foi guardado numa pedra. Eu encontrei a pedra, mas não pude abri-la com força. Fui adiante e achei a maravilha.

A mulher levou a mão à boca.

— A coisa de que falava aquela recadeira?

— Sim — respondeu a irmã. — Mas ela não era o que a recadeira queria que fosse. Não era enfeite para casa, nem glória diante de homens. Era uma ave que sabia escutar a verdade escondida.

O irmão ergueu os olhos. Ainda parecia cansado, mas sua voz já não vinha de tão longe.

— Foi ela que me trouxe de volta?

— Foi ela que me ensinou a chamar — disse a irmã. — Mas quem voltou foste tu. A pedra só abriu quando lembraste o que a mentira tinha coberto.

O homem permaneceu calado. Olhava ora para o menino, ora para a menina, e no rosto dele havia uma decisão que vinha sendo adiada desde a manhã do cesto.

A mulher percebeu antes dos filhos.

— Agora não podemos mais esconder — disse ela, quase sem voz.

A irmã sentiu a pena aquecer mais forte.

— Esconder o quê?

O homem respirou fundo.

— Que não nasceste de nossa casa. Fostes dados a nós pela água. Veio primeiro um choro, depois o cesto preso entre duas pedras. Dentro dele estavas tu, com as tranças de ouro, e estava teu irmão, com a mecha de prata. Eram sinais que não pertencem a filhos de horta pobre.

O irmão pousou as mãos sobre a mesa.

— Por que nunca dissestes?

A mulher chorou antes de responder.

— Porque vos amávamos. E porque aquilo que o mundo abandona uma vez pode tentar tomar de novo quando descobre que vive.

A irmã não se zangou. Havia dor naquela resposta, mas não havia mentira. Aqueles dois velhos haviam escondido a origem, não para roubar filhos, mas para guardá-los do mesmo mundo que os lançara às águas.

— Então havia uma verdade antes de nós — disse ela.

O homem assentiu.

— Uma verdade e uma culpa. Nunca soubemos de quem. Mas sempre tememos que viesse do palácio. Crianças com prata e ouro nos cabelos não são abandonadas por gente pequena sem que gente grande tenha pecado.

Nesse instante, a pena saiu sozinha de dentro da roupa da menina.

Não caiu no chão. Não voou. Apenas se ergueu um pouco, como se uma mão invisível a segurasse no ar. A mancha prateada na ponta brilhou; depois surgiu, junto dela, um fio de luz dourada, fino como cabelo. Prata e ouro se tocaram na pena, e a casa inteira ficou em silêncio.

A mulher recuou um passo.

— Deus nos guarde.

A pena virou-se devagar. Não apontou para a porta da horta, nem para o caminho das pedras. Apontou para além da estrada comum, para a direção onde se levantavam os muros do palácio.

A irmã compreendeu antes de dizer.

— A verdade está lá.

O irmão fechou a mão sobre a borda da mesa.

— A voz que me tomou falou como se eu fosse filho de ninguém. Mas eu não sou.

— Nunca foste — disse a mulher que o criara.

O homem aproximou-se da pena, sem tocá-la.

— Se o palácio é o lugar da mentira, também deverá ser o lugar da resposta. Mas não ireis esta noite.

A irmã quis protestar. A pena ainda brilhava, e o coração dela desejava seguir o sinal antes que ele se apagasse. Mas o irmão mal conseguia manter-se sentado. A mulher tremia. E a noite, lá fora, não era hora de levar uma verdade frágil para o meio de portas fechadas.

A pena desceu devagar e pousou sobre a mesa.

Não apagou. Apenas guardou a luz para dentro, como brasa coberta de cinza.

— Amanhã — disse a irmã.

Ninguém respondeu, mas todos entenderam que a palavra não era promessa vazia. Era começo de caminho.

Naquela noite, pela primeira vez desde que haviam voltado, o irmão dormiu sem pedra ao redor. A irmã, porém, quase não fechou os olhos. Ficou ouvindo a casa respirar: a mulher soluçando baixo, o homem caminhando devagar no pátio, a água correndo fora, a pena silenciosa sobre a mesa.

Do lado de fora, a horta continuava horta.

Mas a verdade já não cabia nela.

Na manhã seguinte, a horta acordou antes da casa.

A água correu pelos canais estreitos, as figueiras mexeram as folhas, os galos chamaram o dia como se nada tivesse mudado. Mas, dentro da casa do guardador de horta, havia uma diferença que até as paredes pareciam saber: o menino voltara, a menina trouxera um sinal, e sobre a mesa repousava uma pena que não se comportava como coisa morta.

O homem saiu cedo para buscar pão e ervas que ajudassem o irmão a recobrar força. Antes de atravessar o portão, a mulher lhe disse:

— Não fales demais.

— Não abrirei a boca — respondeu ele.

Mas há alegrias que escapam mesmo quando a boca promete guarda.

No caminho, um vizinho reparou em seu rosto. Já não era rosto de luto inteiro.

— Então houve notícia?

O guardador quis responder pouco:

— Deus devolveu o que a estrada guardava.

Era pouco. Bastou.

Mais tarde, uma vendedora viu o irmão à porta da casa, pálido, apoiado na parede, com a mecha de prata acesa como luar recém-nascido. Viu também a irmã, com as tranças cobertas, mas não bastante para esconder todo o ouro. A mulher parou no meio da rua.

— O menino voltou — sussurrou.

Antes que o sol subisse alto, já se dizia no mercado que o filho da casa do guardador de horta retornara de um caminho onde ninguém voltava. Ao meio-dia, acrescentaram que a irmã o resgatara de uma pedra. Ao cair da tarde, a história já trazia asa própria: havia na casa uma pena de ave encantada, com prata numa ponta e ouro noutra, e essa pena apontava para o palácio.

E, de fato, apontava.

Mas isso quase ninguém sabia. O rumor apenas adivinhava por excesso aquilo que a casa guardava por prudência.

A notícia entrou no palácio como entram as coisas que os poderosos gostariam de deter na rua: por criadas, bilhas de água, pátios de serviço e corredores onde os guardas fingem não ouvir.

Uma criada repetiu, sem maldade:

— Dizem que os dois da horta vivem. O menino voltou. E há um sinal de ave, ou de fonte, ou de coisa que fala. Dizem que aponta para cá.

As palavras caíram perto dos ouvidos certos — ou errados.

As três mulheres invejosas estavam juntas quando souberam. Uma bordava sem atenção; outra contava moedas; a terceira fingia descansar à sombra. A notícia entrou pela boca de uma serva e apagou o pouco sossego que ainda lhes restava.

— Repete — disse a primeira.

A serva repetiu.

A segunda derrubou as moedas no chão.

A terceira abriu os olhos.

Por um instante, nenhuma falou. Tinham vivido tantos anos dentro da mentira que já a conheciam como casa. Mas a mentira, quando ouve passos antigos voltando, mostra rachaduras nas paredes.

— Rumor de povo — disse a primeira.

O riso saiu seco.

— Rumor de povo não devolve menino encantado — disse a segunda.

— Cuidado com a língua — cortou a terceira. — Ainda podemos chamar isso de feitiço. De impostura. De truque de gente pobre querendo subir ao palácio.

A primeira quis acreditar. A segunda também. Mas a palavra “pobre” já não lhes dava conforto. A pobreza havia salvado aquilo que o palácio rejeitara.

A serva, ainda junto à porta, perguntou:

— Que devo dizer, se me perguntarem?

As três olharam para ela ao mesmo tempo.

— Que não sabes nada — disse a primeira.

— Que o povo inventa — disse a segunda.

— E que a palavra “palácio” não pertence a essa história — disse a terceira.

A serva saiu.

Quando ficaram sozinhas, o silêncio delas ficou pior que discussão. Já não temiam apenas que os jovens fossem encontrados. Temiam que tivessem aprendido a falar com a verdade. Um filho vivo podia ser negado. Uma filha viva podia ser afastada. Mas um sinal que apontava para a origem da mentira era outra coisa: era como se a noite antiga tivesse criado asa.

— Precisamos chegar ao rei antes do rumor — disse a terceira.

— E dizer o quê? — perguntou a segunda.

— O de sempre. Que há perigo fora dos muros. Que encantadores perturbam a casa real. Que sinais estranhos podem ser mau presságio. Que a mulher caluniada não deve ser lembrada.

Ao dizer isso, percebeu tarde demais o erro.

A mulher caluniada.

Fazia anos que ninguém a nomeava assim em voz alta. No palácio, ela era lembrada como vergonha antiga, promessa quebrada, sombra que o rei evitava encarar. Mas, se os jovens de prata e ouro voltassem, talvez a vergonha não fosse dela. Talvez a sombra mudasse de lugar.

Do outro lado do palácio, sem saber por quê, um velho servidor parou perto de uma janela e olhou para os jardins. Anos antes, fora ali que ouvira quatro mulheres prometerem diante da sombra das árvores. Agora, no pátio, duas criadas cochichavam:

— O menino voltou.

— E a pena aponta para cá.

O velho servidor franziu a testa.

Há palavras que, mesmo ditas por bocas pequenas, sabem o caminho do trono.

Na casa do guardador de horta, a irmã não sabia que o palácio já estremecia. Sentada junto à mesa, olhava a pena quieta enquanto o irmão dormia. A pena não se mexia.

Não precisava.

O rumor já havia começado a cumprir o que ela indicara.

A verdade ainda não entrara no palácio; o medo, sim.

O velho servidor levou o rumor ao rei depois da refeição.

Não foi correndo, porque notícia grave não deve entrar ofegante. Pediu licença, baixou a cabeça e esperou que o rei levantasse os olhos.

— Que queres? — perguntou o rei.

— Senhor, há um rumor nos pátios.

O rei fez um gesto de impaciência.

— Rumores há todos os dias.

— Este fala de prata e ouro.

A mão do rei parou sobre o papel.

O servidor continuou:

— Dizem que, fora dos muros, na casa do guardador de horta, vive uma moça de tranças douradas. Dizem que seu irmão, de mecha de prata, havia desaparecido e voltou de um caminho encantado. Dizem também que ela trouxe uma pena, ou sinal de ave, e que esse sinal aponta para o palácio.

O rei olhou para ele como quem vê uma porta antiga se abrir.

— Quem te mandou dizer isso?

— Ninguém, senhor. Talvez por isso eu tenha vindo.

A resposta ficou entre os dois, humilde e firme.

O rei levantou-se e caminhou até a janela. O jardim real brilhava sob o sol, igual e diferente ao jardim de tantos anos antes. Lembrou-se das quatro mulheres. Das três promessas caídas. Da quarta promessa, estranha e silenciosa: um menino com mecha de prata, uma menina com tranças de ouro.

Depois lembrou-se da esposa que escolhera. Do nascimento. Da acusação. Do rosto dela quando a chamaram de enganadora. Naquele tempo, tomara dor por fingimento, espanto por culpa, silêncio por vergonha.

A memória não teve misericórdia.

— Prata e ouro — murmurou.

— Sim, senhor.

— Há muitos rumores.

— Há.

— Mas não há muitas promessas iguais àquela.

O velho servidor não respondeu. Não precisava.

Foi então que as três mulheres invejosas pediram entrada.

Não vinham por acaso. Havia passado a manhã decidindo se era melhor calar, negar ou acusar. Escolheram acusar, porque a mentira, quando está cercada, veste roupa de zelo.

Entraram com véus bem postos e olhos que evitavam a janela.

— Senhor — disse a primeira — ouvimos que um rumor estranho perturbou a casa real.

— Também ouvi — respondeu o rei.

A segunda avançou um passo.

— Fora dos muros há gente que inventa sinais para se aproximar do poder. Hoje falam de pena; amanhã falarão de linhagem real.

A terceira completou, em voz baixa:

— Sinais de prata e ouro podem ser feitiço. Podem ser mau presságio. A casa real não deve se abrir a qualquer jovem criado em horta pobre.

O rei olhou para ela.

— Jovem criado em horta pobre não deixa de ser gente.

A terceira inclinou a cabeça.

— Não dissemos isso, senhor.

— Mas pensastes perto bastante para a frase chegar até mim.

As três se calaram.

O rei caminhou pela sala. Havia nele duas forças: uma queria proteger o orgulho antigo; a outra perguntava que tipo de rei teme olhar duas pessoas nos olhos.

— Falais em feitiço, impostura, perigo e gente pobre — disse ele. — Mas nenhuma de vós perguntou se há verdade no rumor.

A primeira respondeu depressa:

— Porque a verdade não se anuncia por mercado.

— Às vezes o palácio fecha tantas portas que a verdade precisa entrar pelo mercado — disse o rei.

A frase caiu pesada.

O rei voltou-se para o servidor:

— Quem é o guardador de horta?

— Homem simples, senhor. Vive perto dos canais de rega, com a mulher e os dois jovens que criou como filhos.

— Criou como filhos?

— Assim dizem.

A palavra “criou” abriu no rei outro corredor de memória. A esposa acusada não criara os filhos que prometera. O palácio lhe negara até a dor materna inteira. Se aqueles jovens fossem impostura, a investigação encerraria o rumor. Mas, se não fossem, durante anos ele havia castigado a inocência e abrigado a mentira.

Essa possibilidade era mais terrível que qualquer feitiço.

A terceira tentou uma última defesa:

— Senhor, é prudente ouvir quem sempre zelou por esta casa.

— Zelou? — perguntou o rei.

A palavra pareceu surpreendê-lo.

A primeira disse:

— Fomos nós que vimos a vergonha antiga de perto. Fomos nós que soubemos calar quando a lembrança poderia ferir o trono.

— A vergonha antiga — repetiu o rei. — E a mulher que carregou essa vergonha? Quem zelou por ela?

A sala esfriou.

Não era ainda defesa. Não era ainda arrependimento. Mas era a primeira vez, em muitos anos, que a mulher caluniada voltava à sala do rei como pergunta viva.

A segunda tentou recuar:

— Trazer esse assunto de volta pode ferir a ordem da casa.

— Talvez a ordem da casa esteja ferida desde o dia em que o assunto foi enterrado.

Então chamou o chefe dos guardas.

— Envia mensageiros à casa do guardador de horta. Que venham a moça de tranças douradas, o irmão de mecha de prata, o homem e a mulher que os criaram. Se há sinal, pena, ave, objeto ou palavra que os acompanha, que tragam também. Ninguém os ameace no caminho. Ninguém lhes toque sem ordem minha.

O chefe dos guardas assentiu.

O rei acrescentou:

— E manda abrir a sala grande ao entardecer. Quero ouvir diante de testemunhas aquilo que o rumor trouxe escondido.

A primeira ainda tentou:

— Diante de testemunhas, senhor? Talvez seja dar grandeza demais a uma história incerta.

O rei virou-se lentamente.

— Durante anos, uma mulher carregou vergonha diante desta casa inteira. Se houver mentira, que ela seja desfeita diante desta casa inteira. Se houver impostura, também será vista. A luz não deve assustar quem diz a verdade.

Dessa vez, nenhuma das três encontrou resposta.

Quando saíram, caminhavam devagar, mas por dentro fugiam. Precisavam de uma última mentira, e depressa. Só que a ordem já havia saído antes delas: os mensageiros iriam à horta, a sala grande seria aberta, e o rei ouviria diante de testemunhas.

A verdade ainda não estava no palácio, mas agora o próprio rei a chamara.

Quando os mensageiros chegaram à casa do guardador de horta, a pena já estava acesa sobre a mesa.

O irmão repousava, fraco da pedra e do caminho. A irmã vigiava o sinal como quem guarda uma pequena porta aberta. O homem andava pelo pátio sem encontrar tarefa que lhe coubesse. A mulher fingia arrumar pão, véu e jarro, mas suas mãos voltavam sempre ao mesmo ponto, como mãos de quem não quer deixar os filhos saírem outra vez.

Bateram à porta.

O guardador abriu. Do lado de fora estavam dois homens do palácio e um guarda. Não vieram com lanças erguidas, nem voz de prisão. Um deles disse:

— O rei manda chamar a moça de tranças douradas, o irmão de mecha de prata, o homem e a mulher que os criaram. Ordena também que seja levado qualquer sinal que os acompanhe. Ninguém vos tocará no caminho.

A mulher levou a mão ao peito.

— O rei?

A pena brilhou mais forte.

Não era resposta de boca, mas todos entenderam: aquilo que apontara para o palácio aceitava ser levado até ele.

A irmã levantou-se.

— Iremos.

O irmão tentou ficar de pé antes que o corpo estivesse pronto. Quase caiu. A irmã o segurou, e a mulher correu para ajudá-lo.

— Não podes ir assim.

— Se a mentira ficou de pé tantos anos — respondeu ele — posso ficar de pé por algumas horas.

O homem cobriu os ombros do rapaz com uma manta simples. A mulher prendeu melhor o véu da menina, escondendo parte das tranças, não por vergonha, mas por medo de olhos demais. A pena, porém, não quis ficar coberta. Quando a irmã tentou guardá-la junto ao peito, ela subiu e pousou sobre suas mãos abertas.

— Então irás à vista de todos — disse a menina.

A pena brilhou em prata e ouro.

Seguiram para o palácio.

A estrada comum parecia diferente naquele dia. Não havia vozes falsas, nem pedras encantadas, nem sombra estreita. Havia gente parando à porta, criança subindo em mureta, mulher fazendo sinal contra mau-olhado, homem fingindo que não olhava e olhando. O rumor correra antes deles, e agora todos queriam ver se o rumor tinha rosto.

Tinha.

O menino caminhava devagar, com a mecha de prata visível sob a manta. A menina ia ao lado, trazendo a pena entre as mãos. O guardador de horta e sua mulher vinham logo atrás, pequenos diante da estrada, mas firmes como quem sabe que o amor não precisa de sangue para ser testemunha.

Quando chegaram aos portões, os guardas abriram caminho.

A irmã nunca entrara ali. Ainda assim, algo nela pareceu reconhecer o lugar antes dos olhos. Talvez fosse a pena. Talvez fosse a origem. Talvez fosse a memória que não vivera, mas que a mentira não conseguira apagar.

O irmão parou diante das pedras do portão.

— Estive preso em pedra — disse. — Mas estas me assustam mais.

A irmã apertou-lhe o braço.

— Estas não falam se nós não lhes dermos voz.

Entraram.

A sala grande já estava aberta. Havia servidores junto às paredes, guardas perto das portas, conselheiros em silêncio e gente demais fingindo que estava ali apenas por dever. No alto, o rei permanecia de pé. As três mulheres invejosas estavam a um lado, compostas, pálidas, atentas. O velho servidor ficava perto do trono, com a cabeça baixa.

Quando os irmãos avançaram, um murmúrio atravessou a sala.

Prata.

Ouro.

O rei viu a mecha do rapaz. Viu o brilho escondido nas tranças da moça. Viu a pena repousada nas mãos dela, com luz de prata numa ponta e ouro na outra. Por um momento, seu rosto deixou de ser rosto de rei e ficou apenas rosto de homem diante de uma pergunta que o tempo trouxera de volta.

— Aproximai-vos — disse.

Os quatro se aproximaram: primeiro a irmã, depois o irmão, depois o homem e a mulher que os tinham criado.

O rei olhou para o guardador.

— Foste tu que os criaste?

— Fui eu e minha mulher, senhor.

— São teus filhos?

O homem olhou para os dois jovens. Sua boca tremeu, mas a resposta saiu limpa:

— São filhos do nosso amor. Mas não nasceram de nossa casa.

Um murmúrio maior correu pela sala.

A terceira mulher invejosa adiantou-se.

— Senhor, convém cuidado. Palavras assim são preparadas para comover. Gente simples aprende depressa a contar história quando vê diante de si um trono.

A pena ergueu-se nas mãos da irmã. Não voou. Apenas levantou a ponta dourada, e a luz tocou por um instante o rosto da mulher que falara.

Ela recuou antes de perceber que recuava.

O rei viu.

— Deixai o homem falar.

O guardador de horta respirou fundo.

— Encontrei-os quando eram recém-nascidos. Um cesto vinha pela água e ficou preso entre duas pedras. Dentro estavam os dois. O menino trazia esta mecha de prata. A menina trazia estas tranças de ouro. Minha mulher e eu não tínhamos filhos. Recebemos os dois como quem recebe uma ordem de Deus.

A mulher que os criara começou a chorar em silêncio.

— Por que não trouxeste o cesto ao palácio? — perguntou o rei.

O homem baixou os olhos.

— Porque, senhor, não sabíamos que história estava por trás daquele cesto. Tive medo de devolver as crianças a uma casa onde talvez ainda houvesse perigo. Tive medo. E amei.

A resposta ficou no ar com uma dignidade que ninguém ousou quebrar.

O rei voltou-se para os jovens.

— E vós? Que sabeis de vossa origem?

O irmão respondeu primeiro:

— Sei que fui chamado de filho de ninguém por uma voz falsa no caminho. Sei que acreditei nela e fiquei preso numa pedra. Sei que minha irmã me chamou de volta dizendo que eu era filho da promessa e que a mentira não conseguira me apagar.

A irmã ergueu a pena.

— Sei que a maravilha não quis ser tomada como enfeite. Ela me ensinou que a pedra guarda o que o medo entrega, mas não guarda para sempre quem ouve o próprio nome verdadeiro. E sei que, quando voltamos à casa, esta pena apontou para o palácio.

O rei olhou para a pena.

— E agora? Para onde aponta?

A sala inteira pareceu prender o fôlego.

A irmã abriu as mãos.

A pena levantou-se devagar. Primeiro ficou no ar entre a menina e o rei. Depois girou uma vez, como se procurasse não lugar, mas pessoa. A ponta prateada voltou-se para o irmão. A ponta dourada voltou-se para a irmã. Então as duas luzes se juntaram no centro e avançaram para uma porta lateral.

O rei seguiu a direção com os olhos.

A porta estava fechada.

Atrás dela não havia trono, tesouro ou quarto de armas. Havia o corredor esquecido que levava aos aposentos da mulher que um dia fora esposa honrada e depois se tornara vergonha calada da casa.

O rei empalideceu.

— Não — sussurrou a primeira das mulheres invejosas.

Foi baixo demais para ser ordem, mas alto o bastante para denunciar medo.

O rei ouviu.

— Abri aquela porta.

Um servidor correu. A porta foi aberta. Do corredor veio ar frio, cheiro de lugar pouco visitado e uma luz mais pobre que a da sala grande.

A mulher caluniada apareceu devagar.

Não veio como rainha. Veio como alguém que aprendera a andar dentro da própria sombra. O rosto ainda guardava beleza, mas uma beleza ferida por anos de injustiça. Quando entrou, muitos baixaram os olhos. O rei, porém, não desviou.

Ela parou ao ver os irmãos.

A menina sentiu a pena tremer.

O irmão levou a mão à mecha de prata. A irmã sentiu as tranças pesarem sob o véu. A mulher caluniada deu um passo. Depois outro. Seu olhar não estava no rei, nem nas mulheres, nem nos guardas. Estava nos dois jovens.

— Esses sinais... — disse ela.

A voz saiu quase sem som.

As três mulheres invejosas pareceram endurecer.

A pena então brilhou com força, e a sala inteira ficou cheia de uma luz fria e clara. Não era luz de lâmpada nem sol entrando por janela; era luz de coisa cansada de esperar escondida.

Do fundo dessa claridade veio um som pequeno, semelhante ao bater de asas.

A irmã reconheceu.

Não era ainda a ave inteira. Não era ainda canto completo. Era o começo da palavra viva, voltando ao lugar onde a palavra havia morrido.

A pena inclinou-se para a mulher caluniada.

Depois para o rei.

Depois para os irmãos.

E, pela primeira vez diante de todos, a maravilha começou a falar.

A sala grande ficou imóvel diante da pena suspensa.

Ninguém sabia se devia olhar para a mulher caluniada, para o rei, para os irmãos ou para as três mulheres que haviam empalidecido junto à parede. Até os guardas pareciam ter esquecido o peso das lanças. O silêncio não era vazio. Era espera.

A pena moveu-se no ar.

Primeiro veio o som de asas. Depois veio água. Depois veio vento em folhas. Por fim, a maravilha falou:

— Escutai. A mentira falou muitos anos. A verdade falará uma vez, e bastará.

A mulher caluniada levou as mãos ao peito.

O rei não se moveu.

A pena girou devagar e apontou para o velho servidor.

— Houve um jardim — disse a voz. — Houve quatro mulheres à sombra. Três prometeram abundância de prato, água e tecido. A quarta prometeu dois filhos maravilhosos: um menino com mecha de prata, uma menina com tranças de ouro.

O velho servidor fechou os olhos.

— É verdade — murmurou. — Eu ouvi.

A pena voltou-se para o rei.

— As três primeiras promessas caíram diante da prova. A quarta esperou o tempo. O rei tomou a mulher por esposa, e o tempo serviu de testemunha.

A luz da pena estremeceu. Por um instante, a sala pareceu ver um quarto antigo, lâmpadas baixas, panos claros, uma mãe cansada e duas crianças recém-nascidas.

— Nasceu o menino com a prata anunciada. Nasceu a menina com o ouro prometido. A mãe não enganou. A promessa não mentiu.

A mulher caluniada soltou um som pequeno, quase sem forma. Seus olhos estavam fixos nos dois jovens. O irmão tocou a própria mecha de prata. A irmã sentiu o véu pesar sobre as tranças.

A pena virou-se para as três mulheres invejosas.

Elas recuaram como se a luz fosse mão.

— Mas a alegria acendeu inveja — disse a maravilha. — As que haviam falado e caído não suportaram a que falara e cumprira. Chamaram uma mulher de mãos hábeis e coração vendido. Deram-lhe moedas, segredo e sombra.

A terceira mulher tentou erguer a voz:

— Isto é feitiço.

A luz tocou-lhe a boca, e a palavra seguinte morreu antes de nascer.

— Feitiço é a mentira quando veste roupa de zelo — respondeu a maravilha. — Verdade é o que permanece, mesmo quando lançado à água.

Ninguém ousou falar.

A voz continuou, agora mais baixa, quase canto:

— Na noite do nascimento, a mãe dormia cansada. Perto dela estavam os filhos. Longe dela caminhava a inveja. O menino de prata foi tirado. A menina de ouro foi tirada. Em seu lugar, deixaram sinais falsos para que a promessa parecesse vergonha.

A mulher caluniada cambaleou.

O rei estendeu a mão para a parede, como se precisasse de pedra para ficar de pé.

— Continua — disse ele.

A maravilha continuou:

— A mãe acordou e encontrou mentira no lugar dos filhos. Chamou e não foi ouvida. Chorou e não foi defendida. A casa real, que devia proteger, preferiu a pressa da acusação. O rei viu falsidade e julgou verdade.

As palavras caíram uma a uma.

Não gritavam. Por isso feriam mais.

A pena apontou para fora da sala, seguindo o caminho antigo para além dos muros.

— Os dois pequenos foram envoltos em panos e entregues à noite. A mulher comprada não quis levar a culpa até o último escuro. Pôs os dois num cesto e entregou o cesto à água.

Alguns na sala juraram depois que viram a corrente mansa, as raízes, as pedras, o cesto descendo sem afundar. Outros nada viram, mas sentiram o frio da água passar pelo chão.

— A água não traiu — disse a voz. — Levou o que o palácio perdera até a casa que saberia guardar.

A pena inclinou-se para o guardador de horta e sua mulher.

— Este homem ouviu choro onde esperava ouvir pássaro. Encontrou o cesto preso entre duas pedras. Viu a prata. Viu o ouro. Levou os pequenos para casa. Esta mulher os recebeu antes de saber de onde vinham. Deram-lhes pão, colo, nome de filho e silêncio de proteção.

A mulher que os criara chorou sem esconder o rosto.

— Não roubamos — disse ela. — Guardamos.

— Guardastes — respondeu a maravilha.

A palavra atravessou a sala como absolvição pequena, mas firme.

A pena voltou-se para os irmãos.

— Cresceram fora dos muros aqueles que deveriam ter crescido sob guarda real. A prata e o ouro buscaram frestas sob panos simples. A inveja ouviu de novo o rumor do que julgava perdido. Então mandou outra voz à casa da horta.

A terceira mulher tentou recuar para trás das outras duas.

A luz a seguiu.

— Veio a recadeira. Elogiou a casa. Plantou desejo. Falou de maravilha distante, caminho seco, pedra alta, voz enganadora. A armadilha queria repetir a água: afastar os filhos do lugar onde estavam vivos.

O irmão respirou fundo.

— O menino partiu primeiro — disse a voz. — O caminho vestiu a voz da irmã e chamou. Ele respondeu à mentira como se fosse verdade, e a pedra o guardou. A menina partiu depois, não por glória, mas por fidelidade. Ouviu a mentira e não lhe deu o próprio passo. Encontrou a pedra. Procurou a maravilha. Não tomou. Escutou.

A pena brilhou mais forte.

— Quem escuta antes de possuir traz palavra viva. Quem chama sem roubar devolve o que a mentira separou. Assim o irmão foi chamado de volta. Assim a pedra se abriu. Assim os dois retornaram à horta. E assim o sinal apontou para este palácio, porque aqui nasceu a promessa e aqui nasceu a mentira.

O murmúrio cresceu e morreu depressa.

A pena desceu um pouco, ficando entre a mãe e os filhos.

— Estes são os filhos da promessa. O menino que a água levou e a pedra guardou. A menina que a água levou e a palavra trouxe de volta. Prata e ouro não são feitiço. São testemunhas.

A sala inteira se voltou para as três mulheres.

A primeira tentou falar:

— Senhor, uma pena não pode acusar...

A maravilha cortou sem gritar:

— Uma pena não acusa. Mostra. Quem acusa é o medo no rosto de quem fez.

A luz de prata e ouro pousou sobre as três, uma depois da outra. Em cada rosto apareceu não apenas medo, mas lembrança: a noite, as moedas, a mulher comprada, o choro afastado, a falsa vergonha empurrada sobre a mãe.

O rei viu. O velho servidor viu. A mulher caluniada também.

E as próprias três pareceram compreender que a mentira, quando chamada pelo nome diante de todos, já não encontra casa onde dormir.

A pena falou uma última vez naquele trecho da verdade:

— O cesto não afundou. A promessa não morreu. A mãe não mentiu. Os filhos vivem. E as que plantaram a vergonha sabem onde enterraram a própria

culpa.

Depois a luz diminuiu.

A pena não caiu. Apenas desceu devagar até pousar entre os irmãos e a mulher caluniada. A verdade fora dita. Mas a casa real ainda precisava responder a ela.

O rei permaneceu calado por muito tempo.

Quando enfim falou, sua voz parecia vir de lugar fundo:

— Que ninguém saia desta sala.

As portas foram fechadas.

A verdade completa estava diante do rei.

Faltava ao rei tornar-se digno dela.

As portas da sala grande foram fechadas, e ninguém respirou como antes.

A verdade, depois de falar, parecia continuar no ar. Não brilhava mais como a pena, não cantava, não se movia; mesmo assim, estava em cada rosto.

O rei olhou para os dois jovens.

Viu o menino de mecha de prata: ainda fraco da pedra, mas de pé. Viu a menina de tranças de ouro: quieta, cansada, segurando o próprio medo como segurara a pena. E viu, entre os dois, não uma ameaça, não uma impostura, mas a promessa que ele mesmo havia esquecido de proteger.

Depois olhou para a mulher caluniada.

Durante muitos anos, evitara aquele rosto. Agora, diante da sala inteira, já não havia onde esconder o olhar.

O rei desceu um degrau.

Depois outro.

Os conselheiros se moveram, assustados. Mas ele continuou até ficar no mesmo chão que os filhos da promessa e a mulher que carregara a culpa dos outros.

— Aproxima-te — disse à mulher caluniada.

Ela hesitou.

A palavra vinha tarde. Tarde demais para os anos perdidos, para os aposentos fechados, para as manhãs sem notícia. Mesmo assim, caminhou.

A pena, pousada entre ela e os jovens, brilhou só um pouco, como se autorizasse a distância a diminuir.

O rei falou, baixo, mas a sala inteira ouviu:

— Diante desta casa, eu te chamei de enganadora quando eras mãe. Diante desta casa, aceitei mentira por prova. Diante desta casa, deixei tua honra ser tomada como teus filhos foram tomados. Hoje, diante desta mesma casa, digo: a vergonha não era tua.

A mulher fechou os olhos.

O rei voltou-se para todos:

— Esta mulher cumpriu a promessa feita junto ao jardim. Deu à minha casa um filho com mecha de prata e uma filha com tranças de ouro. Foi caluniada, foi separada dos filhos e foi mantida sob sombra por erro meu e culpa de outros. Que todos os que ouviram a acusação ouçam agora a restituição: ela volta a ser honrada diante do palácio.

Um murmúrio atravessou a sala.

O rei ergueu a mão.

— Não como favor meu. Como reparação tardia.

A mulher caluniada abriu os olhos. Havia neles lágrimas, mas não submissão.

— Honra devolvida não devolve infância — disse ela.

O rei abaixou a cabeça.

— Não devolve.

— Não devolve febre que não curei, primeira palavra que não ouvi, manhãs que me foram negadas.

— Não devolve — repetiu ele.

— Então não me peças que eu pareça inteira no mesmo instante em que me dizes que fui quebrada por engano.

A sala inteira ficou menor diante daquela frase.

O rei aceitou o golpe sem levantar defesa.

— Não peço. Peço apenas que a verdade tenha hoje o lugar que lhe neguei.

A pena brilhou outra vez, mais mansa.

A mulher caluniada voltou-se para os jovens. O irmão deu um passo primeiro. Talvez porque já tivesse saído de pedra e soubesse que certas prisões só se vencem atravessando o medo.

Ela olhou para ele.

— Meu filho?

Não era dúvida. Era espanto pedindo licença à dor.

O irmão ajoelhou-se diante dela.

— Se me aceitas tarde — disse — cheguei tarde também. Mas cheguei.

A mulher pôs as mãos sobre a mecha de prata. Tocou-a como quem toca o tempo perdido. Depois se inclinou e beijou a cabeça do filho.

A irmã ainda estava parada.

A mulher voltou-se para ela.

— E tu?

A menina tentou responder, mas a voz não saiu. Enfrentara estrada, vozes, pedra, maravilha e palácio. Mas aquele chamado era mais difícil que todos: não pedia coragem de salvar, pedia coragem de receber.

A mulher abriu os braços.

— Minha filha.

Então a irmã atravessou o pequeno espaço que restava. Caminhou como quem carrega muitos caminhos dentro do corpo e, enfim, encontra lugar para soltá-los. Quando chegou aos braços da mãe, apoiou a testa no ombro dela e

chorou sem tentar ser forte.

O irmão se levantou e abraçou as duas.

Por um instante, a sala grande deixou de ser tribunal, palácio ou casa de rei. Tornou-se apenas o lugar onde uma família, desfeita por mentira, começava a reconhecer seus próprios pedaços.

O guardador de horta e sua mulher olhavam de longe.

A mulher que criara os filhos chorava em silêncio, com uma alegria que doía. O homem mantinha a cabeça baixa, como se não quisesse que sua pobreza incomodasse a grandeza do momento.

A irmã percebeu.

Soltou-se um pouco da mãe verdadeira e estendeu a mão para a mulher que a criara.

— Não fiquéis longe.

A mulher da horta levou a mão ao peito.

— Este é lugar de origem, minha filha.

— Também é lugar de pão — respondeu a irmã. — E fomos mantidos vivos por pão.

O rei ouviu. A mãe caluniada também.

Foi ela quem chamou primeiro:

— Vinde.

A mulher da horta hesitou, mas o irmão foi buscá-la. O guardador veio atrás, sem saber onde pôr as mãos. Assim, diante de todos, a mãe que perdera e a mãe que criara ficaram próximas. Não eram rivais. Eram duas margens da mesma água: uma de onde os filhos haviam sido afastados, outra onde haviam sido salvos.

O rei falou outra vez:

— Este homem e esta mulher não roubaram meus filhos. Guardaram-nos quando minha casa falhou. Que ninguém nesta sala olhe para eles como para

gente pequena. Hoje, a horta se mostra maior que o palácio.

O guardador quis ajoelhar-se.

O rei o impediu com um gesto.

— Não. Já houve joelhos demais diante da mentira. Ficai de pé diante da verdade.

A pena, sobre o chão, acendeu suas duas pontas: prata e ouro.

Só então o rei voltou-se para as três mulheres invejosas.

O calor da sala pareceu desaparecer.

— Agora — disse o rei — falareis vós.

Nenhuma respondeu.

— A maravilha falou. O servidor confirmou o jardim. O guardador confirmou o cesto. A mulher que criou meus filhos confirmou a água. Meus filhos trazem no corpo os sinais da promessa. Ainda assim, ouvirei vossa boca, porque a verdade não precisa negar palavra nem mesmo à mentira.

A primeira levou a mão ao véu.

— Senhor, nós apenas temíamos pela casa real.

— Temíeis pela casa real quando meus filhos foram afastados da mãe?

A mulher empalideceu.

A segunda falou, apressada:

— Não fomos nós que os entregamos à água.

Assim que disse, entendeu o erro.

A sala inteira ouviu o que ela não pretendia confessar: sabia da água.

A pena brilhou.

O rei deu um passo na direção delas.

— Não perguntei ainda pela água.

A segunda cobriu a boca com as mãos.

A terceira fechou os olhos por um instante, furiosa com a fraqueza da outra. Depois tentou recuperar o fio da mentira:

— Senhor, muitas coisas foram feitas naquela noite por mãos que já não estão aqui. Servas falam, panos se confundem, olhos cansados erram. Talvez a culpa esteja na desordem, não na intenção.

A mãe caluniada soltou-se dos filhos e olhou para ela.

— Desordem tem rosto quando entra no quarto de uma mãe e tira seus filhos de junto dela.

A terceira não respondeu.

O rei chamou o chefe dos guardas.

— Que se procure a mulher de mãos vendidas que serviu naquela noite, se ainda vive. Que se tragam panos, cestos, registros de servas antigas, tudo o que restou. Mas mesmo sem isso, esta sala já ouviu bastante para saber que a vergonha mudou de lugar.

As mulheres invejosas estremeceram.

— Senhor — disse a primeira — tende piedade.

O rei respondeu devagar:

— A piedade não pode chegar antes da verdade completa. Hoje reconheço meus filhos e restauro a mulher que caluniei. Quanto a vós, ainda respondereis pelo que fizestes.

A pena apagou quase toda a luz, como se aceitasse que, naquele ponto, a palavra viva passasse da maravilha aos homens.

O rei voltou-se para os irmãos e para a mãe:

— Diante desta sala, reconheço: este é meu filho, nascido da promessa. Esta é minha filha, nascida da promessa. E esta é sua mãe, inocente da vergonha que lhe foi imposta. Que se abram os aposentos fechados. Que se retirem as marcas da antiga acusação. Que todo servo, guarda e conselheiro saiba: a casa real errou, e a casa real começa agora a reparar.

O irmão respirou como se ouvisse o próprio nome pela primeira vez fora da pedra.

A irmã olhou para a pena. Já não parecia objeto de prova. Parecia algo cansado, pequeno, quase comum. Talvez fosse assim que as maravilhas descansassem depois de dizer o necessário.

A mãe caluniada segurou as mãos dos dois filhos.

Não havia festa nem paz completa. Mas havia reconhecimento. E, para quem vivera tantos anos dentro de uma mentira, reconhecimento já era porta aberta.

As três mulheres invejosas permaneceram sob guarda, sem correntes, mas sem saída.

A sentença ainda não fora dada.

Mas a vergonha, enfim, estava no lugar certo.

A sala grande permaneceu fechada.

Lá fora, o sol já descia, mas ninguém se lembrava da tarde. Dentro do palácio, o tempo parecia preso no mesmo ponto: entre a verdade dita e a resposta que ainda faltava.

As três mulheres invejosas estavam à frente do rei.

Não havia correntes nelas. Não era preciso. Há momentos em que a própria verdade fecha melhor que ferro.

O rei voltou-se para a segunda, aquela cuja boca deixara escapar a água.

— Disseste que não fostes vós que os entregastes à água. Como sabias que houve água?

Ela tentou responder, mas a língua lhe falhou. Olhou para a primeira. A primeira baixou os olhos. Olhou para a terceira. A terceira desviou o rosto. A mentira, que por tantos anos as mantivera juntas, já não queria dividir o mesmo corpo.

— Eu... ouvi dizer — murmurou.

— Hoje todos ouviram dizer — respondeu o rei. — Mas tu o disseste antes que eu perguntasse.

A pena brilhou um pouco.

A mãe caluniada não falou. Não precisava. O silêncio dela já não era silêncio imposto. Era silêncio que escutava o peso da resposta.

A terceira mulher tentou uma última saída:

— Senhor, ainda que algum erro tenha sido cometido, a casa real foi preservada de escândalo. Pensamos no trono. Pensamos no nome do rei. Pensamos na ordem.

A irmã, que até então estivera calada, ergueu os olhos.

— Ordem que precisa esconder a dor de uma mãe é só medo com roupa limpa.

A frase atravessou a sala sem levantar a voz.

O rei não repreendeu a menina.

— Ela diz verdade.

Depois voltou-se às três mulheres:

— Chamastes inveja de zelo. Chamastes calúnia de prudência. Chamastes injustiça de ordem. Pela vossa mentira, uma mãe foi enterrada viva em vergonha. Pela vossa mentira, dois filhos cresceram longe de seu nome. Pela vossa mentira, minha casa aprendeu a desconfiar da promessa e a acolher a injustiça.

A segunda caiu de joelhos.

— Perdoa-nos, senhor.

O rei respondeu:

— Perdoar não é apagar. E a boca que pede perdão para fugir da consequência ainda não aprendeu a verdade.

A mulher caluniada deu um passo.

Todos olharam para ela.

— Não peço espetáculo de dor — disse.

As três mulheres ergueram os olhos, como se a palavra lhes abrisse uma porta.

Mas ela continuou:

— A dor delas não cura a minha. O que peço é que a mentira não encontre de novo lugar de honra nesta casa.

O rei inclinou a cabeça.

— Assim será.

Então deu a sentença, diante da sala inteira:

— Estas mulheres não permanecerão no palácio. Seus nomes serão retirados dos lugares de honra, e ninguém mais as chamará de zeladoras desta casa. Aquilo que receberam por mentira, devolverão em reparação. Seus bens de favor serão usados para sustentar a casa da horta, recompensar os que guardaram meus filhos e abrir acolhimento para crianças sem proteção. Viverão longe do trono, sob vigilância e sem voz nos conselhos, até que a justiça humana e a justiça de Deus façam nelas o que ainda puder ser feito.

A sala recebeu a sentença em silêncio.

Para quem vivera de proximidade com o poder, ser afastada da luz era perder o chão. Para quem usara nome, véu e honra como armas, ser vista sem elas era punição mais duradoura que grito.

A terceira ainda tentou falar:

— Senhor, isso é desonra.

O rei respondeu:

— Não. Isto é só devolver à palavra o seu nome. Desonra foi o que fizestes.

O chefe dos guardas aproximou-se.

— Levai-as — disse o rei. — Não as firais. Não as humilheis pelo caminho. A justiça não precisa imitar a crueldade para vencê-la.

As três foram conduzidas para fora.

Quando a porta se fechou atrás delas, a sala grande pareceu respirar pela primeira vez desde que a pena começara a falar. Mas não houve festa imediata. A justiça, quando chega tarde, não entra dançando. Primeiro olha os estragos. Primeiro conta os ausentes. Primeiro aprende a falar baixo.

O rei virou-se para a mãe caluniada.

— O que foi teu por direito voltará a teu nome. Mas nada será imposto a ti sem tua palavra. Se quiseres habitar os aposentos de antes, eles serão abertos. Se quiseres outro lugar dentro desta casa, será preparado. Se quiseres tempo, o tempo te pertence.

A mulher olhou para os filhos.

— Quero tempo com eles.

— Terás.

Depois olhou para o casal da horta.

— E eles também terão lugar — acrescentou. — Não quero que meus filhos sejam obrigados a escolher entre a água que os levou e o pão que os salvou.

O guardador de horta levou as mãos ao peito.

— Senhora, somos gente simples.

A mãe caluniada respondeu:

— Sim. Por isso mesmo soubestes fazer o que a grandeza não fez.

A mulher da horta chorou de novo, mas dessa vez não recuou.

O rei chamou o chefe dos guardas e os servidores.

— Que se anuncie ao palácio inteiro: a acusação antiga está desfeita. Que se retire dos registros toda palavra de vergonha contra a mãe dos meus filhos. Que se escreva, diante de testemunhas, que o menino de mecha de prata e a menina de tranças de ouro vivem, foram salvos pela casa da horta e são reconhecidos como filhos da promessa.

O velho servidor baixou a cabeça.

— Assim será, senhor.

A pena brilhou uma última vez naquele trecho, não como prova, mas como aprovação cansada.

A irmã reparou.

— Ela está ficando fraca.

O irmão olhou para o chão.

— Talvez tenha dito tudo o que veio dizer.

— Talvez ainda falte despedir-se — respondeu a irmã.

A mãe caluniada ouviu e segurou as mãos dos dois com mais força. O rei também ouviu. Em seu rosto havia alívio, vergonha, gratidão e medo do que a maravilha faria ao partir. Pois nem toda verdade que chega ao palácio aceita morar nele.

A sala começava a se abrir. Os servidores moviam-se devagar. Do lado de fora, o rumor já mudava de forma. Antes dizia: há dois jovens de prata e ouro. Agora começaria a dizer: a mãe não mentiu.

E essa mudança, pequena em aparência, era maior que decreto.

A sentença fora dada. A reparação começara.

Faltava ao conto aprender a descansar depois da verdade.

A sala grande começou a esvaziar-se devagar.

Não como se nada tivesse acontecido. Ao contrário: as pessoas saíam pisando baixo, porque o chão do palácio já não parecia o mesmo. Cada corredor guardava uma palavra nova. Cada porta sabia que a antiga vergonha havia mudado de nome.

No centro da sala ficaram o rei, a mãe restituída, os dois filhos, o guardador de horta e sua mulher.

E, entre todos, a pena.

Já não brilhava como antes. A prata e o ouro que ela guardara estavam recolhidos em dois fios de luz, prestes a voltar para dentro de si. A irmã abaixou-se e estendeu a mão, mas parou antes de tocar.

Havia aprendido: aquilo que vem por si não se agarra no fim.

A pena se ergueu sozinha.

Subiu pouco, apenas o bastante para ficar diante dos olhos dos irmãos. Depois tremeu no ar, e o som de asas voltou a encher a sala. Não era grande como na hora da revelação. Era pequeno, quase íntimo.

Dessa vez, a ave apareceu.

Não inteira como pássaro de gaiola, nem presa à forma que os olhos exigem. Surgiu em volta da pena como claridade em forma de asas: peito branco como água antes da manhã, penas de sombra azulada, um brilho de ouro numa borda e prata noutra. A irmã reconheceu os olhos antes de reconhecer o corpo. Eram os mesmos olhos do espaço redondo entre os rochedos: memória sem vaidade.

O rei inclinou a cabeça.

A mãe restituída levou a mão ao peito.

A ave falou uma última vez:

— A palavra viva não mora onde querem prendê-la. Vem quando é escutada. Parte quando terminou de devolver.

A irmã perguntou:

— Então vais embora?

— O que é chamado para dizer a verdade não deve ficar como enfeite de vitória — respondeu a ave. — Sobre o trono, logo me chamariam posse; na tua mão, logo me pediriam prova. Melhor é voltar ao lugar onde a escuta não se vende.

O irmão tocou a mecha de prata.

— E se outra mentira crescer?

A ave olhou para ele.

— Então que vos lembreis do caminho. A mentira chama alto. A verdade espera ser escutada. Quem aprendeu isso uma vez não deve fingir surdez na segunda.

A pena desceu até a mão da irmã, sem peso. Ela a recebeu, mas não fechou os dedos.

— Guarda apenas o que não se pode vender — disse a ave.

Então a pena mudou. Perdeu o brilho de prova e ficou simples, pequena, quase comum. Na ponta ainda havia uma mancha em que prata e ouro se tocavam. Não ardia, não apontava, não falava.

Era lembrança, não instrumento.

A ave abriu as asas.

Por um instante, todos ouviram água correndo fora da sala, embora ali não houvesse canal. Ouviram a horta: folhas de figueira, passo em terra úmida, galos distantes. Ouviram o caminho das pedras, agora quieto. Talvez tenham ouvido até as outras pedras esperando palavra futura.

Depois a ave subiu para a luz alta da sala e desapareceu sem ruído.

A pena ficou.

A irmã guardou-a junto ao peito.

Não como arma. Não como prova. Como se guarda uma coisa que já cumpriu seu trabalho e, por isso mesmo, merece repouso.

Nos dias que se seguiram, o palácio precisou aprender uma nova ordem.

Os aposentos fechados foram abertos. As palavras de vergonha foram riscadas dos registros. As servas antigas foram ouvidas. Os panos guardados, se ainda existiam, foram procurados. O nome da mãe voltou não apenas ao decreto, mas à boca das pessoas. E isso levou mais tempo que uma sentença, porque a boca humana aprende a mentira depressa e demora a aprender reparação.

A mãe restituída não voltou a sorrir de uma vez.

Ninguém lhe pediu isso.

Sentava-se muitas vezes com os filhos no pátio onde a água corria. Às vezes tocava a mecha de prata do filho; às vezes desfazia e refazia uma trança da filha, como quem aprende tarde uma infância que lhe fora roubada. O filho contava pouco sobre a pedra. A filha contava pouco sobre a ave. Havia dores

que, mesmo vencidas, não deviam virar espetáculo.

O rei vinha vê-los sem o peso do trono nos ombros. Falava menos e escutava mais. Talvez esse tenha sido o primeiro sinal de que a justiça não passara pela sala grande sem deixar nele alguma mudança.

Quanto ao guardador de horta e sua mulher, não foram mandados embora.

A mãe restituída cumpriu sua palavra. Mandou preparar para eles uma casa perto dos jardins, nem tão dentro do palácio que perdessem o cheiro da terra, nem tão fora que os filhos precisassem escolher entre duas mães, dois pais, duas verdades. O homem continuou a cuidar de água e árvores. A mulher continuou a fazer pão. E muitas vezes os filhos iam até ela não por obrigação, mas por fome antiga de casa.

Assim ficaram: a mãe que dera sangue, a mãe que dera pão, o pai que julgara tarde, o pai que recolhera cedo, e os filhos que a água levava de um lado para que a verdade os trouxesse de volta por outro.

Houve festa, sim, mas não logo.

Primeiro houve silêncio; depois, reparação e escuta. Só então acenderam lâmpadas no palácio. Não para apagar o passado, mas para que todos vissem que a noite da mentira chegara ao fim. Cantaram mulheres nos pátios. Os pobres foram chamados à mesa. Pessoas sem amparo receberam pão, roupa e nome. E, quando alguém perguntava de onde vinha aquela nova ordem, os mais velhos respondiam:

— Vem de um cesto que não afundou.

Com o tempo, o conto caminhou para fora do palácio.

Foi contado na horta, no mercado, junto às fontes, nas noites em que se pedia uma história antes de dormir. Cada contador mudava uma palavra, como fazem os contos vivos. Uns diziam que a ave era azul; outros, que era branca; outros, que jamais foi ave, mas voz de verdade em forma de pena.

Mas todos guardavam o mesmo coração da história.

A mentira pode sentar-se perto do trono, vestir véu limpo e falar em nome da ordem. Pode fechar portas, trocar nomes, comprar mãos e calar bocas. Ainda assim, se houver uma casa humilde que acolha, uma irmã que escute, uma

palavra que lembre e um pássaro que revele, a verdade encontra caminho.

E dizem — Deus sabe melhor — que a pena ficou por muitos anos guardada numa caixa simples, não no tesouro. Quando o palácio queria esquecer, ela não brilhava. Quando alguém contava a história com vaidade, ela permanecia muda. Mas quando uma criança perguntava por que a mãe do conto chorava, ou por que a irmã não correu, ou por que a horta foi maior que o palácio, então a mancha de prata e ouro tremia um instante.

Não para provar.

Para lembrar.

Porque o que a mentira joga à água nem sempre se perde.

Às vezes, apenas começa outra viagem.